

# A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores — Primeiros Tenentes : BERTHOLDO KLINGER, ESTEVÃO LEITÃO DE CARVALHO e J. DE SOUZA REIS

N.º 7

Rio de Janeiro, 10 de Abril de 1914

Anno I

## SUMMARIO

Editorial. — PARTE JOURNALISTICA: O Espírito militar no Brasil. — Escripturação Militar — O esclarecimento na artilharia. — Em torno de um relatório. — Questões de artilharia. — Estudo sobre metralhadoras. — Commando do grupo de Artilharia em combate (continuação). — Questões à margem. — NOTICIARIO: — Artilharia pesada de campanha. — Uma das economias. — O caso de Zabern. — Serviço de sapo em Campanha — Ensino da avaliação de distâncias (continuação). — Raid de cavalaria no Japão. — Livros novos. — Expediente.

## EDITORIAL

ENTRE os problemas que neste momento assoberbam a nossa incipiente organização militar, é sem dúvida alguma o da fixação de uma época para a incorporação dos recrutas, o que mais reclama urgente solução.

Dependente, como ainda hoje está, do capricho e das contingências pessoais de um voluntariado escasso e de má qualidade, que só procura a caserna aguilhoado por extrema necessidade, a incorporação se faz durante o anno todo, sem lei nem ordem — como as próprias contingências dos que a procuram — e de tal modo que se não pôde prever quantos homens receberá uma unidade no anno, no mez ou na semana.

Assim vão os corpos alistando por parcelas, sempre incertas e irregulares, o material homem que uma preparação laboriosa e continua tem de transformar em soldados. É como si numa usina se recebesse matéria prima insuficiente e má e se quizesse ter uma produção regularizada e bôa.

Esse estado de coisas se reflecte de ma-

neira tão penosa sobre a formação individual do soldado e sobre a preparação das unidades, que se pode afirmar, sem nenhum exagero, que enquanto elle subsistir jamais teremos tropa instruída e de aspecto marcial.

Sem corrigir esse erro fundamental, temos insistido todavia em adoptar no Exército uma série de regulamentos que presupõem a incorporação dos recrutas numa época fixa do anno e que, si podessem ser postos em prática, elevariam a tropa ao nível das melhores da América e quiçá ao dos bons exercitos da Europa.

No entanto, pouco temos adiantado. Apesar do esforço ingente que de certo tempo a esta parte vêm dispendendo as novas gerações militares, em prol do renascimento do Exército Profissional, a nossa tropa não perdeu ainda esse aspecto de milícia provinciana, que tanto nos humilha. E' que o mal se enraiza em grande parte na incorporação irregular do nosso voluntariado, insuficiente pelo numero e pela qualidade.

Só quem partilha do labor diário, obscuro e penoso, que pésa sobre os officiaes dos primeiros postos do Exército, pode aquilatar do que seja, para a instrução normal de suas unidades, essa inclusão constante dos recrutas em todas as épocas do anno.

O Regulamento para Instrução e Serviço Interno preceitua em seu artigo 47 que "a

instrucção irá dos primeiros rudimentos da escola de recrutas á do soldado prompto", e que "para obtenção desse resultado os soldados da companhia serão divididos no começo do anno em duas turmas, uma de recrutas, outra de soldados prompts, cada uma confiada a um official subalterno designado pelo capitão".

Mas como a incorporação se deu por todo o anno anterior e nada contribue para trazer á caserna maior leva de recrutas em Janeiro que nos outros mezes, a divisão da companhia, que deve conter os soldados prompts, será composta de homens com todos os tempos de praça, desde cerca de dois annos até perto de tres mezes. Por outro lado, a turma em que se tinham de incluir os recem-incorporados, formando assim a *escola de recrutas*, compor-se-á, no começo do anno, apenas, de alguns homens alistados nos ultimos mezes e dos que nessa época se tenham voluntariamente apresentado.

O que d'ahi em diante se passa, uma vez formadas as escolas e entregues a officiaes subalternos — responsaveis perante o capitão pela instrucção de seus homens — é o seguinte;

A turma dos soldados prompts vae diminuindo sempre, pela exclusão dos homens que concluem seu tempo de serviço — o que se dá com a mesma irregularidade com que se verificou a incorporação, de que é apenas um phenomeno reflexo. Em compensação, a turma dos recrutas, composta no começo, de meia duzia de homens, vae crescendo continuamente, esta semana, de um, a proxima, de tres e assim por diante, sujeita ás mesmas fluctuações de effectivo com que as lévas chegam do Norte.

E ao passo que o instructor dos homens do segundo anno vae vendo sua gente reduzir-se pela exclusão a mais irregular — que lhe leva indistinctamente os bons como os maus alumnos, e ao approximar-se o exame se arrisca a apresentar, após um esforço enorme, um punhado de homens de instrucção incompleta e que desmerecem injustamente o seu trabalho, o instructor dos recrutas vê-se

assorberbado pelas inclusões constantes, que lhe não permitem avançar um passo sem recuar dois, obrigado como está, todos os dias, a voltar atraz, a repetir aos ultimos chegados as lições que vem dando desde uma semana ou um mez, ou dois, de modo que no exame dos recrutas seus alumnos se acham em todos os graos da instrucção, desde o soldado já feito até ao recruta bisonho !

E nos seguintes periodos de instrucção — da companhia, do batalhão etc — os malefícios dessa inclusão anarchica se reflectem ainda mais seriamente, porque então se suppõe já terminada a instrucção individual e se vão exercitar as unidades em conjunto, para aprendizagem dos que commandam.

E chegam as marchas de treinamento e as manobras, onde o soldado já instruido nada é mais que uma peça do grande jogo em que se exercitam os postos superiores.

Mas a incorporação dos recrutas não cessa. E as companhias têm que optar entre deixal-os no quartel com o necessário pessoal instructor, desfalcando os seus já reduzidos effectivos, ou levar para o campo homens sem instrucção nem treinamento, que se arrastarão tropeços nas caudas das columnas, como retardatarios estropiados e inuteis.

Eis o nosso systema de recrutamento ! Como querer, pois, que a tropa se apresente garbosa e instruida, que desfile nas paradas e se conduza nos combates como forças de um exercito organizado ?

Si é verdade que á nossa officialidade muito falta ainda para attingir o nível dos que manejam os grandes exercitos europeus, não é menos verdade que ella não pôde pôr em practica mesmo o que sabe, entravado como se acha seu caminho com toda sorte de obstaculos, desde os effectivos insuffientes, de soldados recrutados por uma selecção invertida, até á inclusão irregular e anarchisadora.

Só um trabalho profissional ininterrupto, só exercicios continuados na caserna e nos campos de instrucção(?) podem guiar ao aperfeiçoamento que dá a confiança em si e a certeza da utilidade dos proprios esforços.

O que ora temos é o caminho do desanimo, porque é o impossível que se quer alcançar; é a escola do *jemenfichismo*, que a todo transe é preciso combater.

*Leitão*

## O Espírito Militar no Brasil

Par l'école pour la Patrie  
(Paul Bert)

E' evidentemente impossível a um paiz ter de facto o seu exercito bem organizado, no sentido moderno da palavra, sem primeiro educar o povo e sobretudo a mocidade no verdadeiro espirito militar.

Para isso, é claro, a escola primaria deve ser a primeira caserna, cumprindo desde ahí preparar o menino para uma vida militarmente disciplinada.

E ninguem nos casos do mestre para despertar e melhor desenvolver no espirito da infancia o amor ao paiz e fazel-a comprehender a necessidade inilludivel de cada cidadão interessar-se, a vida inteira, pela defeza e garantia da sua patria, não lhe regateando, por um certo tempo, o seu serviço militar nas fileiras activas do exercito permanente. Simultanea ao ensino das primeiras letras nas escolas publicas deve ser a sujeição dos meninos a uma disciplina prestante, que os vá habituando ao trato diario com superiores e subordinados, estabelecendo, para esse fim, uma hierarchia escolar partindo dos mestres até aos alumnos menos adiantados.

Fazendo reinar entre os da mesma classe a camaradagem e fraterna egualdade, sempre necessarias na convivencia em caserna, compellindo-os, do mesmo passo, ás praticas e exercicios physicos quotidianos, á maneira do soldado, tem-se o meio mais seguro de tornal-os solidarios e fortes afim de melhor poderem servir ao seu paiz.

Além disso, a uniformisacao dos trages ou fardas, as continencias reciprocas obrigatorias, feitas com o aprumo marcial, as formaturas e revistas, os hymnos patrioticos entoados em conjunto e outros semelhantes estimulos contribuiriam para acordar desde cedo no seio da meninice esse espirito militar que ainda hoje nos falta e seria um factor decisivo na execucao do sorteio entre nós.

"*L'instituteur fait le soldat*" assevera Pierre Baudin no seu livro "*La Preparation au Service Militaire*" «O soldado cidadão é essencialmente um soldado que raciocina. E'

preciso cuidar, portanto, em que seja o seu discernimento, desde logo, bem exercitado e superiormente dirigido».

Só mediante esta condição o regimem do serviço militar por tempo reduzido pôde conciliar-se com a necessidade, cada vez maior, de se manter um poderoso exercito.

Si o serviço militar de longa duração só se justifica por ser o meio mais seguro de amaneirar o espirito e a sensibilidade do soldado á vida arregimentada em vista do combate, começando-se essa adaptação já no menino de hoje que será o cidadão-soldado de amanhã, o tempo de serviço sob as armas pode ser muito limitado, apenas o necessário para completar e polir a educação militar dos jovens sorteados, dando-lhes a tempera do verdadeiro soldado. E assim fazem todos os paizes que aspiram a um papel de destaque na historia moderna e onde os mestres-escolas sabem comprehendere a importancia do serviço militar prestado á nação.

E por isso que na Allemanha o acto da incorporação dos recrutas na infantaria já impressiona admiravelmente pelo porte militar com que elles se apresentam, mesmo sob trajes civis, marchando e se conduzindo como verdadeiros soldados. A escola primaria obrigatoria se encarrega, nesse paiz, de ensinar aos meninos, a par da gymnastica, os primeiros exercicios militares. Tambem a disciplina, apanagio do exercito allemão, é pelo povo cultivada desde a infancia, quer no lar sob a influencia paterna, quer na escola por imposição dos mestres. Nos seus "Jardins da Infancia", os primeiros exercicios de canto, entoados por meninos e meninas, são verdadeiras juras de amor filial á patria e de dedicação ao seu serviço até á morte; nesses canticos, tudo o que são, o que possuem e gosam declararam dever exclusivamente ao seu paiz natal. Na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Japão, a escola primaria prepara os meninos para o dever militar, que será por elles, mais tarde, alegremente cumprido.

Ha tempos, M. Goyan publicava na "Revue des Deux Mondes" um interessante dialogo apanhado numa escola primaria japoneza e, por vir muito a propósito, reproduzi-mo-lo aqui :

- Que é o espirito militar ?
- É a obediencia e o sacrificio.
- Que entendéis por grande denodo ?
- É jamais considerar o numero e marchar para frente.
- Donde vem a mancha de sangue que tinge a nossa bandeira ?

— Daquelle que a conduzia na batalha.  
 — Em que te faz ella pensar?  
 — Na sua felicidade.  
 — O homem morre na lucta, que resta d'elle?  
 — A gloria.

« E graças a um tal ensino, acrescenta Georges Goyan, um povo de menos de cincuenta milhões de homens ousou atacar e poude vencer o immenso imperio russo. »

Já na Inglaterra, ha annos, a imprensa inteira, sem abstenção alguma, sustentou todo um plano de educação patriotica e militar para a escola primaria. E desde então, affirma-nos um chronista estrangeiro, nas escolas deste paiz, é colocado uma vez por mez, o pavilhão nacional por cima da cathedra do mestre, onde este, apontando o symbolo da patria, narra ás crianças reunidas um episodio de gloria da Inglaterra e em seguida um alumno recita versos patrioticos, destilando por fim a classe, garbosa a cantar, em frente á bandeira. Nos Estados Unidos igualmente, todas as manhãs, diante do estandarte da Republica, os meninos do povo, pela maior parte filhos de imigrantes e de origens diversas, cantam em côro :— « Damos ao nosso paiz as nossas cabeças, os nossos corações e os nossos braços, para que tenhamos sempre uma patria, uma lingua e uma bandeira! » Assim a escola primaria, conclue o citado publicista, nos representa o orgão que garante ao povo o sustento da vida pessoal e desenvolve na alma deste povo, o sentimento da honra.

Cremos ser deste modo e não somente por bellas leis e regulamentos escriptos que se ha de convencer a um povo habituado a colocar a sua comodidade e os seus interesses acima de tudo, a aceitar, com prazer e honra, o serviço militar como um nobre e inalienável dever.

*2º. T<sup>te.</sup> Aquino Corrêa*

## Escripturação militar

### ASSENTAMENTOS

O recente acto ministerial acabando com os livros de registro de assentamentos de officiaes, aspirantes a official e praças effectivas e aggregadas dos corpos arregimentados do Exercito só louvores merece.

Creados pelo Alvará da Rainha Mãe, de 1763, com a denominação de « Livros Mestres »,

aquellos registros chegaram, por successivas alterações, até 1913 um pouco modificados quanto ao formato e dizeres, mas conservando ainda os detalhes, as particularidades e minuciosidades exigidas pelas primitivas instruções, quanto ao registro de assentamento.

Por esse motivo as fés de officio e as certidões de assentamentos, eram copias de tudo que publicavam as ordens do dia regimetaes, tornando esses documentos prolixos, massantes para organizar e enfadonhos como leitura. Qualquer alteração ocorrida com official ou praça era registrada com todo o cortejo de numeros, de datas, de referencias a autoridades, de citações de outros documentos, etc., embora a occurrence não tivesse o minimo valor para o juizo que se deve formar do official ou praça, lendo-se os seus assentamentos.

Assim, o serviço de escripturação de assentamentos nos corpos era complicado, excessivo, desnecessario, ocupava algumas praças, gastava muito tempo, era dispendioso e finalmente quasi inutil porque nunca os corpos tiveram completos os assentamentos do pessoal e, até mesmo as alterações dadas nos proprios corpos, não andavam em dia.

Para pôr termo a esse lamentavel estado de cousas, actualisar um serviço necessario aos compromissos do Estado com os militares e comprovação dos direitos destes, fundados nas leis em vigor, o Sr. Ministro, acertadamente mandou suprimir os livros mestres, adoptar os modelos das cadernetas de assentamentos de officiaes, aspirantes a official e praças, instituidas por decreto de 15 de julho de 1909 e seguir as novas instruções para a escripturação dos assentamentos nessas cadernetas.

Essas instruções explicam quaes as alterações a registrar nas cadernetas e nos livros da historia do corpo, definem as alterações que têm influencia para o historico da vida militar, prohibem o registro de alterações sem valor para o historico e que se façam referencias ás particularidades e minuciosidades dos factos, mandando que se averbem as alterações por extictos em que as referencias sejam, só-dos factos e as datas em que ocorreram, pois sómente isso é que é essencial e necessário.

Ora, pela simples leitura daquellas instruções vê-se logo o objectivo do novo sistema de escripturação, que é reduzil-a e simplificala ao indispensavel, reunida num só documento, de modelo simplicissimo, utilizando papel commum, obtido em qualquer parte

do territorio nacional, reduzido ao formato da caderneta e riscadas as duas primeiras paginas pelo encarregado da escripturação, no caso de não existir em deposito a propria caderneta.

"Havendo difficultade na acquisição de livros com o numero de folhas e as dimensões estabelecidas nos modelos, poderão ser utilizados outros com maior ou menor numero de folhas ou com dimensões approximadas" (Vide observação 3<sup>a</sup>, à pagina IX do livro de modelos para a escripturação dos corpos arregimentados do Exercito).

A caderneta está naturalmente comprehendida nessa previdente solução : pôde ser feita na secretaria com papel almasso commun, tendo as duas primeiras paginas riscadas e maior ou menor numero de folhas, todas, porem, numeradas e rubricadas.

Emfim : 1º. A escripturação militar, deve ser simples e breve; toda a multiplicação e meticulosidade em materia de escripturação militar, desperta a vocação para papelista e conduz ao abuso do papelorio.

2º. Pouco importa que a escripturação militar seja feita com arte e belleza symetrica nos riscos e na calligraphia, o que precisa é estar certa e em dia.

Isto tudo, além das vantagens de se acharrem sempre completos e em dia os assentamentos do pessoal do corpo, guardados na secretaria ou em viagem para novo corpo, no caso de transferencia.

Qualquer militar sabe que a caderneta de assentamentos, quer de official, quer de praça, é universalmente usada nos exercitos, mesmo no portuguez donde o nosso herdou o pavoroso livro mestre e onde ha muitissimos annos esse livro foi dado em consumo.

Abolidos os livros mestres e adoptadas as cadernetas, um simples calculo arithmetico demonstrará a economia de dinheiro que de facto resultou, sabendo-se, como se sabe, que o Governo poderá mandar confeccionar as cadernetas na Imprensa Nacional ou na Militar, sahindo cada exemplar por preço não superior a ( 500 rs ) quinhentos reis.

Resumindo : 1º. os livros mestres perderam a razão de ser; 2º. a caderneta é universalmente usada nos exercitos; 3º. a despesa é inferior a que se fazia com os livros; 4º. os assentamentos são agora constituídos por extractos do que mais essencial contiverem as alterações occorridas com os officiaes e praças e os extractos de alterações redigidos em estylo claro que todos possam entender e resumidos, só contendo palavras necessarias,

sem referencias a detalhes, a particularidades, a minuciosidades, enfim sem copiar integralmente as ordens do dia regimentaes; 5º o serviço de escripturação ocupará no maximo dois homens e o tempo gasto em pôr em dia as cadernetas é insignificante, tão reduzida e simplificada ficou a escripturação; 6º. os assentamentos estão em um só documento e este acompanhará o official ou praça para novo corpo, não podendo haver atraso na escripturação e demora na remessa da caderneta.

Da disposição e arranjo duma secretaria, não cogitou o novo sistema de escripturação.

Em 17 de Fevereiro de 1914.

**Major Florindo Ramos**

Cumpre-nos resumir o resultado do confronto dos trabalhos de nossos distintos collaboradores, Major Florindo Ramos e 1º Tenente Jucá, publicados nos N.os 5, 6 e 7 d'esta Revista, a propósito da escripturação militar, inegavelmente assumpto de grande interesse do Exercito.

As instruções que baixaram com o aviso de 21, publicado no Boletim do Exercito N. 307, tudo de Outubro de 1913, não dizem que as cadernetas pôdem ser confeccionadas de papel commun, obtido em qualquer parte do territorio nacinal, reduzido ao formato da caderneta e riscadas as duas primeiras paginas á mão.

Nessas instruções está estabelecido o formato da caderneta, que o papel é de linho pautado e bem consistente e que a capa é de panno-couro. E como geralmente somos mais arraigados á letra que ao espirito das disposições regulamentares, succede que os corpos aguardam o fornecimento das cadernetas do modelo official e continuarão na expectativa em quanto não receberem taes cadernetas ou uma comunicação oficial no sentido d'aquelle explicação do Sr. major, sem duvida competente interprete na materia.

Reconhecendo que os modelos agora adoptados — mas ainda não applicados — representam um grande passo no caminho da simplificação da escripturação militar, achamos absolutamente incontestável que muito mais simples, verdadeiramente economico e pratico seria a dispensa mesmo dessas cadernetas aproveitando para a biographia individual dos militares os papeis que, assim como assim, fazem parte da escripturação: as relações de alterações e as guias. Embora não esteja litteralmente explicado, está no espirito do projecto Jucá que as pastas de que elle trata podem ser simples folhas de papel commun.

Finalmente devemos ainda frisar a ideia, brillantemente tratada no N.º anterior, de suprimirem-se as escusas de serviço, tornadas totalmente inuteis desde que foram criadas as cadernetas de reservistas. É preciso quanto antes fazer desaparecer dos boletins regimentaes as ordens, que todos os dias lá se podem ler, com o titulo: *Entrega de excusa e caderneta de reservista*. Se o homem é reservista, como prova sua caderneta, é evidente que elle é excusado de servir.

*Jucá - Klinger.*

*N. da R.*

# O esclarecimento na artilharia

## Exploração, reconhecimento e observação

Do livro do Generalmajor Hoehn : "Técnica de comando da artilharia em campanha.

### GENERALIDADES

32. O objectivo do *esclarecimento artilherístico* (exploração, reconhecimento, observação) é em primeira linha o *inimigo e o terreno*; do inimigo sómente quanto ao seu desenvolvimento realizado ou em via de realização, do terreno sómente quanto interessar ás posições a ocupar pela força amiga ou ocupadas pelo inimigo; quaesquer outras missões de esclarecimento incumbem á cavallaria.

Em segunda linha vem a *observação do tiro* e de seus efeitos no inimigo, e a *exploração e observação da primeira linha de combate*.

Essa delimitação não exclue que se tome conhecimento de qualquer outra observação importante e d'ella se dê parte.

Os órgãos da execução do esclarecimento artilherístico são: a) os próprios commandantes, auxiliados pelo seu serviço de estados-maior ou de ordenença, b) as patrulhas de officiaes e os esclarecedores, bem como na artilharia pesada de campanha os officiaes da observação.

*Antes do combate* o esclarecimento está principalmente nas mãos das patrulhas de officiaes lançadas contra o inimigo. Para não esphacellar as forças dellas e evitar duplicatas nas missões é necessário observar a unidade no seu emprego, isto é, attribuir-l-o ao commandante da artilharia. (¹)

*Durante o combate* a exploração, o reconhecimento e a observação subdividem-se por todos os commandantes e utilizam todos os órgãos auxiliares. Os commandantes com seus estados-maiores e os órgãos especiais de observação como que constituem o elemento immovel, as patrulhas de officiaes e os esclarecedores o elemento movel.

### A exploração e o reconhecimento das patrulhas de officiaes e dos esclarecedores

#### a) Antes do primeiro desenvolvimento.

33. A função das patrulhas de officiaes

(1) Cdte. da artilharia é o mais graduado dos cdtes. da tropa de artilharia.

antes do combate é preparatoria; pelo seu adiantamento em relação á artilharia elles devem obter taes conhecimentos sobre o desenvolvimento do inimigo e o terreno, que encaminhem desde logo convenientemente os reconhecimentos ulteriores do commandante da columna e do da artilharia, podendo até substituir-l-os nas situações urgentes.

Basta em geral que se disponha de uma patrulha para cada regimento de artilharia e uma para cada batalhão de obuzeiros pesados. Havendo artilharia na vanguarda esta também deve expedir uma patrulha. Dispondo de maior numero de patrulhas convém conservá-las á mão.

Ellas apresentam-se, ao iniciar-se a marcha de guerra, aos respectivos commandantes e seguem até segunda ordem em seus estados-maiores. Assim que, pelas participações enviadas pela cavallaria, se possa supor que o inimigo se desenvolveu, ou está se desenvolvendo ou vai se desenvolver brevemente, ellas recebem sua missão. *Ellas absolutamente não tem por fim substituir a exploração longinquia da cavallaria.*

34. Em situações de movimento, em que o inimigo também marcha, a expedição das patrulhas só poderá ter lugar relativamente tarde. Aqui o primeiro objectivo d'ellas é aquella linha que o commandante da columna ainda pretende atingir com a artilharia.

Em tal situação a patrulha de official da artilharia da vanguarda deve ter sua missão limitada ao primeiro encontro; sua missão será acompanhar pela observação o combate em que se empenhar a vanguarda e informar rapidamente o cdte. da art. da vanguarda sobre o objectivo contra o qual e a posição da qual se imponha o apoio da infantaria da vanguarda.

As patrulhas dos cdtes de artilharia são repartidas pela zona a reconhecer; tratando-se por exemplo de uma divisão, bastará lançar a patrulha de um dos regimentos de artilharia á direita, a do outro á esquerda e a do batalhão pesado na propria estrada de marcha. Suas missões, reduzidas ao minimo por força da pequenez do tempo disponível, serão em geral :

a) *para as patrulhas da artilharia de campanha* — examinar como possa ser apoiada a vanguarda, caso esta esteja empenhada em combate (objectivo a bater, posições a ocupar levando em conta os objectivos e posições da artilharia da vanguarda, caso já em acção); — descoberta das posições inimigas já reconhecíveis, das suas prováveis

posições cobertas, ou das posições provavelmente a ocupar bem como das respectivas contra-posições.

**b) para as patrulhas da artilharia pesada:** — descoberta das posições reconhecíveis da artilharia inimiga bem como das respectivas contra-posições e observatórios.

35. Na marcha contra um inimigo em posição preparada as patrulhas de officiaes de artilharia devem ser incluidas no esclarecimento organizado, com unidade, pelo commandante da força. Suas missões serão pois dadas por esse superior, naturalmente ouvido o commandante da artilharia. Ellas abrangerão principalmente os seguintes pontos: descoberta das posições da artilharia inimiga, especialmente das cobertas, e dos convenientes observatórios; descoberta das posições da infantaria inimiga, especialmente das fortificadas; reconhecimento das posições de fogo a ocupar, dos observatórios e dos caminhos de acesso. A zona a reconhecer deve ser dividida pelas patrulhas como nas situações de movimento.

36. Na defensiva preparada, as patrulhas serão enviadas para a frente da posição, porém, somente até o alcance do canhão. Aqui suas missões serão: reconhecimento de bons pontos para observação na propria posição defensiva (ás vezes é mais facil descobrir-os observando do lado inimigo); reconhecimento do aspecto da posição vista do lado inimigo; reconhecimento das posições provaveis da artilharia inimiga bem como das condições para a approximação da sua infantaria; observação do desenvolvimento da artilharia inimiga.

37. **Execução do reconhecimento.** Nas situações de movimento o tempo disponivel é, em geral, muito curto. E' pois conveniente que as patrulhas avancem a galope e apeiem num bom ponto de observação na linha que lhes tiver sido designada, não muito longe da estrada. O chefe da patrulha reconhece então com seu binocolo, devendo seu ordenanço que lhe segura o cavallo observar a estrada afim de não deixar passar o cdte. da artilharia que avança. Portanto é condenável perder muito tempo à procura do melhor ponto para observar; é porem vantajoso que um homem da patrulha (sargento ou cabo) se dedique a essa procura e tambem observe de binocolo. A parte do reconhecimento é dada verbal e pessoalmente pelo chefe da patrulha ao cdte. da artilharia.

Na marcha contra um inimigo em posição dispõe-se de mais tempo. As patrulhas

avançam com escoltas de cavallaria. E' necessaria a observação cuidadosa feita de varios pontos. Em geral marcam-se lugar e hora para apresentação do relatorio do reconhecimento.

Na defensiva não tem cabimento que as patrulhas ultrapassem o alcance do canhão; o melhor é tomar bons pontos de observação proximos da propria posição. Para a transmissâo das partes convém dotar essas patrulhas de bastantes estafetas, ou de telephonistas ou signaleiros.

**38. Utilização do reconhecimento das patrulhas de official.** Sobre os seguintes pontos precisa sempre haver toda a clareza: *por quem, para onde e quando mandar as partes.*

Nas situações de movimento convém sempre que pelo menos o chefe da patrulha vá pessoalmente participar ao cdte. da artilharia o resultado de seu reconhecimento, e assim possa mostrar-lhe no terreno o que viu, e servir-lhe de guia; é porem vantajoso deixar alguém da patrulha em observação. Na defensiva será o contrario: o chefe da patrulha ficará na observação enquanto elle manda suas partes. No ataque os conhecimentos colhidos pelo chefe da patrulha sobre o desenvolvimento do inimigo e o terreno devem ser utilizados regressando elle para encaminhar convenientemente o reconhecimento do cdte. da força ou do cdte. da artilharia, ou em muitos casos, para suprir os reconhecimentos que esses superiores não possam chegar a fazer.

Mais tarde, dada a ordem para a força tomar a posição de promptidão para o ataque ou para a artilharia entrar em acção, entrando então em função o reconhecimento artilherístico detalhado convirá que o cdte. da artilharia ponha á disposição do cdte. de regimento (ou de grupo) aquella patrulha que já tiver operado no respectivo sector; especialmente a patrulha da artilharia pesada deverá desde então ficar a disposição do seu batalhão.

Na defeza, as participações enviadas pelas patrulhas de artilharia servirão primeiramente para corrigir a propria posição e quando surgir o inimigo e funcionar bem a rapida transmissâo das communicações, ellas determinarão o rompimento do fogo sobre os espaços cobertos onde o inimigo se desenvolver ou avançar.

**b) Depois do primeiro desenvolvimento.**

39. Ao passo que antes do combate as patrulhas de official estavam enfeixadas na mão do cdte. da artilharia, para o combate elles devem ser distribuidas á tropa. O cdte.

da artilharia pode no combate satisfazer-se com uma, no maximo duas patrulhas; cada cdte. de regimento bem como o do batalhão pesado deve dispor de uma; só excepcionalmente haverá patrulhas de oficial para os cdtes. de grupo, os quaes em caso de necessidade recorrerão aos esclarecedores ou aos seus officiaes de ordens.

As baterias em geral só poderão empregar inferiores para esclarecedores ou observadores auxiliares.

40. Durante o combate são as seguintes as missões das patrulhas de officiaes e dos esclarecedores:

a) Auxiliar o commando do tiro, observando de outros pontos (mesmo de balões); é especialmente importante a descoberta e observação contra objectivos cobertos ou a constatação de que não os ha em certos pontos; cumpre tambem reconhecer e observar a primeira linha de combate, importando informar-se das intenções dos cdtes. de infantaria e informar a distancia das duas linhas de atiradores.

b) Preparar as mudanças de posição, reconhecendo os caminhos para avançar e retirar, bem como as novas posições possiveis. Convém que, sem aguardar ordens, os cdtes. dos regimentos de artilharia e do batalhão pesado façam reconhecer para esse fim o terreno adeante e atraz de sua posição. Missões especiaes, nomeadamente as que se refiram a uma retirada, é o cdte. da artilharia quem manda executá-las pelas suas patrulhas,

c) Segurança. Cabe em geral ás baterias, especialmente tambem aos escalões de munição, e é executada por esclarecedores.

41. Os reconhecimentos do terreno demandam grandes percursos a cavallo e, para terminal-os rapidamente, andaduras vivas. Ao contrario, os reconhecimentos de objectivos e da primeira linha de combate exigem uma observação calma, a pé, de pontos favoraveis e, quanto possível, não muito distantes, sem o que o resultado colhido não poderá ser transmittido bastante depressa.

Para informar-se das intenções que tem para o combate o cdte. da infantaria é preciso procura-lo e saber d'ele quaes seus projectos e desejos.

Os esclarecedores de segurança devem ficar tão proximos de sua tropa quanto seja compativel com a boa observação da zona a vigiar.

### c) Depois do combate.

42. Tanto na perseguição como na reti-

rada as patrulhas de officiaes que pouco a pouco voltam a reunir-se sob a direcção do cdte. da artilharia, devem continuar a observar o inimigo e a reconhecer posições a ocupar, até que cesse todo contacto de combate.

## O esclarecimento pelos commandantes

### a) No primeiro desenvolvimento.

43. O reconhecimento e a observação pelos commandantes começa somente quando se trata do desenvolvimento da artilharia. A esse tempo já deve haver informações mandadas pelas patrulhas de artilharia, que servirão de base.

44. Em primeiro lugar o commandante da tropa precisa de um reconhecimento que o habilite a resolver sobre o desenvolvimento da artilharia. Esse reconhecimento será feito ou pelo proprio commandante da força acompanhado do da artilharia, ou d'ele incumbirá a este que o informará do resultado. Em situações urgentes esse reconhecimento será substituído pelas informações das patrulhas ou terá que limitar-se a um relance de olhos. Ao contrario, em situações calmas já nesse reconhecimento pôdem tomar parte os cdtes. dos regimentos (ou grupos) de artilharia e o do batalhão pesado, na forma do §

45. Só depois de ordenada a promptidão da artilharia ou sua entrada em acção, baseada nesse reconhecimento, é que começam as explorações artilherísticas detalhadas.

O cdte. da artilharia chama então os cdtes. de regimento (ou de grupo) e o da artilharia pesada, bem como as patrulhas de officiaes regressadas.

Manda avançar os cdtes. de unidades para os sectores que lhes são atribuidos, e emprega os chefes das patrulhas como guias para elles ou para si mesmo. Em seguida elle executa a exploração e encontrando-se com os cdtes. de unidades em seus sectores com elles troca informações sobre os resultados colhidos. É absolutamente necessário que nessa occasião ou pouco depois o cdte. da artilharia inspecione todas as posições que vão ser ocupadas, tomando conhecimento do campo de vista e de tiro de cada uma, pois só assim poderá manejar com segurança o commando do fogo.

Os cdtes. dos regimentos (ou grupos) e o da artilharia pesada, cooperando na exploração do cdte. da artilharia, ficarão com tal conhecimento dos objectivos e do terreno, que recebida a ordem de desenvolvimento pouco lhes faltará explorar.

Os cdtes. de grupo e depois os de bateria, recebida a ordem de desenvolvimento, procedem á exploração do terreno e dos objectivos que lhes couberem.

46. Essa exploração poderá desenrolar-se mais ou menos da seguinte fórmula :

Chegados á posição designada para o desenvolvimento o ajudante (na artilharia pesada o oficial da observação) instala um observatorio provisório e estabelece a observação. Os ordenanças (para segurar os cavalos) e os telephonistas (montados) ficam na proximidade. O commandante com um estafeta e um ordenança (na artilharia pesada tambem com o ajudante) começa a explorar a posição, limitando-se com relação ao inimigo ao conhecimento do campo de vista e de tiro, e nas posições cobertas, ás possibilidades para a pontaria. Percorrendo uma vez a posição, a cavallo ou a pé, elle ter-se-á esclarecido o bastante para poder ordenar a approximação da tropa e a ocupação (manda conduzil-a por official de ordens ou por estafeta). Feito isso, completa a exploração, cogitando então, em posição coberta, dos observatorios; é conveniente que os cdtes. do grupo e do batalhão pesado, e depois os das baterias assignalem as posições das baterias. Então vae o cdte. ao observatorio provisório (vd. começo do §) e põe-se ao par das observações feitas, bem como das distancias estimadas ou medidas pela carta e das distancias angulares lateraes.

Em todas essas funcções tem a maxima importancia o cuidado de não chamar a atenção do inimigo. Por isso é conveniente que os cdtes., especialmente os de grupo e de bateria apeiem e deixem seus sequitos á distancia.

### b) Depois do primeiro desenvolvimento

47. Durante a vigilancia e durante o combate o cdte. achar-se-á junto de seu observatorio.

Só em casos especiaes terá justificativa o seu afastamento, p. ex., para observar melhor a situação ou um objectivo mascarado; fóra d'isso elle dispõe dos officiaes de ordens para pequenos reconhecimentos, das patrulhas de officiaes e esclarecedores para serviços mais demorados.

48. A installação do observatorio é dirigida pelo ajudante, na artilharia pesada pelo official da observação. O instrumento de que para isso se dispõe é o binocolo-thesoura (luneta hypoplastica), transportado a cavallo; os cdtes. de grupo e de baterias dispõem de mais

recursos (1) na viatura-observatorio, a qual deve ser recebida e conduzida á proximidade do observatorio por uma praça do séquito do respectivo cdte. Chegada a tropa á posição pôdem ser escaladas fachinas para organizar mascaras ou coberturas.

49. O serviço no observatorio deve ser organizado de modo que a observação seja methodica, haja divisão do trabalho e substituição periodica dos observadores. Nos cdtes. superiores a observação preponderará sobre o exame da situação e do acerto tactico da escolha dos objectivos; só em segunda linha figura para elles a observação da efficacia. Aos cdtes inferiores (grupos e baterias) cumple principalmente observar a apprehensão dos objectivos e a efficacia; só em segunda linha lhes importa a observação da situação.

50. Sendo necessario realizar uma mudança de posição o cdte. da artilharia parte a reconhecer a nova posição assim que tenha dado a respectiva ordem. Os cdtes. subordinados seguem-n'o assim que se tenham certificado de que o abandono da posição está assegurado; mas em mudanças de retirada elles ficam com a tropa até que ella esteja fóra da zona critica. As explorações da nova posição têm lugar como no primeiro desenvolvimento.

*Bertholdo Klinger.  
1.º Tenente*

## Em torno de um Relatorio

Dizia Molière — e o autor do *Tartufo*, por ser profundamente humano, vai tendo a consagração dos tempos... — que ha pessoas que «savent trop bien vivre pour découvrir le fond de leur âme».

Ora, os personagens d'aquella immortal comedia são tanto de hontem como de hoje: são de todos os tempos. O maior ladrão das creaçoes alheias, o plagiario maximo, é o proprio destino. Os acontecimentos mais ou menos se repetem, em seus detalhes, e no fundo os calhamaços, amontoados por muitas gerações, no afan do Historia, ficam sendo absolutamente banaes.

(1) Esses recursos são : Duas lunetas de bateria (dotadas de bussola); como o material telephonico, desde que seja de prever o contacto com o inimigo são transportadas a cavallo.

Um escudo portatil articulado, com dispositivo para receber o binocolo-thesoura; pôde ser armado directamente sobre o terreno, ou sobre o retroretro da v. - obs., ou sobre uma escada constituída por um tripé telescopico, a qual por sua vez pôde ser armada sobre o retroretro, attingindo então a uma altura de 4 - 5m.

Uma escada de cabo de arame.

Um par de estribos-esporões para trepar em arvores.

*Nota do traductor.*

Só a maneira de alguem ser *tartufo* é que varia, como varia a de alguem ser heroe, santo ou devasso.

Taes reflexões foram sugeridas pelo relatorio do tenente coronel Leyraud, presidente da Junta de Alistamento Militar de Porto Alegre e pela discussão que se travou na Camara dos deputados, em torno da emenda Calogeras, sobre a realização do sorteio. Custa a comprehender que qualquer pessoa, por ser licenciada em direito ou canones, possa julgar que o resto da humanidade é completamente idiota. No entanto, não ha por ahi quem, sendo medianamente instruido, não leia claro nessa cartilha borrada: ha muita gente interessada em enfraquecer mais e mais o poder central, de que o Exercito é o melhor orgão. Convencidos do grande mal que praticam, ainda assim, sem ideal patriotico, preferem antes cavar a ruina da propria nacionalidade, do que abandonar o prato de lentilhas. E no dia — que Deus permitta ainda esteja longe — da guerra e da conquista estrangeira, essa gente estará por tudo, offerecendo a face à injuria do vencedor, para, jurando um novo crédo, tirar todas as vantagens da nova situação. São homens de todos os partidos, de todos os regimens e distinguem bem pouco a liberdade da escravidão.

Em face dessa turba, o mais razoavel é que juremos, sob uma formula terrivel, que quando formos á guerra — antes da derrota, isto é, da vergonha e da morte — não lhes deixaremos os fructos de tanta ignomínia. Todas as vinganças, exercidas talvez quem sabe como, serão apenas o delirio dos que vão morrer.

Mas, um pouco acima do deputado e bachelar está o roceiro, *coronel*, influencia politica em taes e taes municipios, distribuidor de empregos e oraculo de muitos paes da patria. Logo abaixo destas duas entidades classicas entre nós, vem vindo toda a gente e até o infeliz empregado publico, as mais das vezes um sujeito malandro e de poucas letras, cujo mais penoso trabalho é votar em quem o *chefe* manda. Individuo pouco acostumado ás manifestações da vontade propria, tem o empregado publico um olhar significativo, de lampejos que alternam com sombras apagadas, e que é commum aos homens que vivem sob um peso qualquer. São como aquelles sacerdotes da Diana do monte Albano, que, tendo obtido a liberdade e o cargo pelo assassinato de seu antecessor, esperavam cheios de medo que outro escravo os assassinasse, succedendo-lhes tambem. D'ahi, os «medos, o terror, as

manhas do pobre que tinha imminente a ameaça de morte . . .»

Parece que Oliveira Martins está fallando nas demissões em massa!

Segue-se a espinha recurvada, de quem vive em salamaleques, e um perigo de grave degenerescencia para nossa raça — raça em formação — que por effeito de conhecida lei biologica pode vir a ter corcunda. Foi assim que a natureza produzio o pescoço disforme das girafas . . .

Mas, até o pobre empregado publico, que com todo o direito occupa, não o ultimo logar de uma escala zoologica, mas este derradeiro ponto de dissertação, entrava impunemente a acção organisadora das autoridades militares: e quando não defronta com uma vontade como a do ex-commandante do 3º Batalhão, é certo que canta victoria. E foi por esse motivo que os alistamentos de 1900 a 1908 produziram em media na capital do Rio Grande 455 individuos, problematicamente aproveitaveis, descendo ainda esse numero a 416, 380, 216 e 180 nos annos seguintes. Deixando de parte o absurdo de taes algarismos, visto que o municipio tem, oficialmente recenseado, para mais de 150.000 habitantes, é digna de nota a flutuação sempre decrescente, que não tendo qualquer causa superior para tal coefficiente negativo, apresenta-se como inexplicavel trambolho aos cultores da estatística.

Tendo em vista o «Recenseamento do Rio de Janeiro,» realizado em 1906, vê-se que o augmento annual da população é aqui de 3% mais ou menos, e pelo trabalho publicado ultimamente pela repartição de estatística do Rio Grande do Sul, vê-se que por lá a media não é inferior. São bastantes taes factos para provarem a fraude mais desavergonhada. Verdade é que se diz que tudo entre nós é fraudado — desde o alimento que ingerimos aos votos que não damos em farças eleitoraes !

O nosso pasmo sobe de ponto quando compararmos os resultados de 1912 e de 1913. No primeiro, foram alistados 180 individuos e no segundo, 1070, não obstante todas as dificuldades oppostas, principalmente pelas repartições publicas e autoridades. Para chegar a tal resultado, foi preciso lançar mão de uma serie de expedientes até hoje não empregados. Assim, as escolas superiores costumam publicar, em seus relatorios, o nome e a idade dos estudantes: foi esse um abundante manancial para o presidente da Junta; mas, é de crer que no proximo anno esteja elle esgotado, pois as escolas ou baralharão as idades

ou não as publicarão de futuro. Para bem se aquilatar como os funcionários públicos cumprem suas obrigações, basta recordarmos o numero de listas enviadas, 662, das quaes 369 ficaram sem resposta. Abatidas 116, que o Correio devolveu por não serem encontrados os destinatarios, devia-se esperar 546 respostas, mas o numero dos que cumpriram a lei foi apenas de 177. Dentre os *silenciosos*, destacam-se os funcionários públicos, em assombrosa maioria. Funcionários municipaes, estadoaes — e federaes! accentua, em excelente artigo publicado na "Revista dos Militares" o capitão Enés P. Pires. Nós não accen-tuamos qualquer delles, posto que todos são iguaes na gloria e no brilho, e todos obrigados ao cumprimento da lei.

O peior é que não ha para quem appellar. Esta gente só conhece uma lei — que é a vara do pastor de votos que a tange!

Mas, ó admiravel espirito que cantaste de uma vez por todas as miseras dos teus semelhantes e que ainda depois de tantos séculos assistes do alto, de parceria com os deuses, a epopéa canalha de uma raça, com que espanto observes lá de cima que do *inferno* só se enche, nos ultimos tempos, o oitavo circulo, em cujo segundo compartimento rolam os aduladores

..... in uno sterco  
Che dagli umay privati parea mosso

é a maioria analphabeta dos empregados públicos, dessa massa que para se afastar impunemente do cumprimento da lei perde o proprio olfato, e chega, si preciso for, os labios aos calcanhares do *chefe local!*...

\*

A pratica do serviço de alistamento vem demonstrando que precisamos reformal-o, não confiando mais na boa fé e no escrupulo de quem quer que seja. Devemos abandonar todos os outros meios e recorrer exclusivamente ao registro civil. Este serviço está organizado entre nós, cremos, desde 1890, isto é, ha 24 annos. Para evitar qualquer fraude, porque o serventuario é no fim de contas um empregado público, convém que este não tenha qualquer ingerencia no alistamento, cabendo-lhe tão somente facultar os livros á commissão militar da Junta. De resto, o alistamento deve ser baseado em investigações permanentes e na denuncia dos interessados, que no fim de contas, são todos os que têm filhos, irmãos, amigos, etc., já alistados ou dos proprios alistentos. Recebida a denuncia, em qualquer época, dar-se-ia aviso

ao interessado, para que em curto praso exhibisse documentos justificativos de sua exclusão da classe. Excluido que fosse o denunciado, ficaria inscripto em livro especial, afim de ser oportunamente incluido na respectiva classe. Documento aceitável: só as certidões do registro civil. Nós os do Exercito temos dolorosa experientia do valor dos atestados e outros documentos sobre idade. Basta recordar aquillo que nos quarteis chamamos, pitorescamente, o «*engajamento do capitão Fulano*» que só se lembrou de um erro de idade existente em seus assentamentos quando lhe chegou a vez de compulsoria, isto é, trinta e mais annos depois!

Não é menor a necessidade de multas progressivas para todo funcionario recalcitrante, applicavel de maneira expedita pela propria autoridade militar, mediante comunicação ás repartições pagadoras.

\*

Calemo-nos. A historia do periodo que vai em França da queda da Aguiá aos muros de Sedan só agora se está escrevendo. As palavras de ouro de Pelletan haviam desviado os espiritos para a utopia da paz e a Aguiá cahira já, morta lá na penedia africana. Foi assim que ribombou no céu da Europa o trovão de 1870. Uns absorvidos pela philosofia vã, julgavam as guerras impossiveis, enquanto que, os menos cultos, os tartufos só agitavam, num pacifismo calculado, tão commum aos povos corrompidos.

Não se pode negar que o pacifismo seja, como motivo de combate, uma bella doutrina, como sustentação de um paradoxo.

E' como o culto da mulher virgem, que tanto nos attrahe, não obstante encerrar um crime contra a conservação da especie, posto que só a mulher fecunda merece que se lhe ergam templos — Venus callipedica.

Temos peregrinado assás. Urge terminar. Mas, si as leis entre nós não merecem respeito nem são acatadas, melhor é revogal-as todas, inclusive a que estabeleceu o sorteio e o serviço militar obrigatorio.

E quando das bandas do Prata ou de qualquer outro lado, um povo forte nos bater ás portas, recebamol-o com os nossos bacheais, enviando contra elle a nossa pobre e malbaratada Guarda Nacional

Ora, nem sob tal ponto de vista seremos originaes. Os chinezes já se oppuzeram a uma invazão europea adornando a grande muralha com espantalhos e dragões de papelão...

**F. Paula Cidade**  
2º tenente de infantaria

# Questões de artilharia

## RESUMOS E CONTROVERSIAS

### IV

Em principios de 1911, era o seguinte o material de campanha affecto a um corpo de exercito allemão:

21 baterias de 6 peças de 77;  
3 baterias de 6 obuseiros leves 10,5;  
1 batalhão de 4 baterias 4 peças de obuseiros pesados de 15.

Aperfeiçoamentos no obuseiro 10,5 de que adiante fallaremos, determinaram a substituição de um grupo de canhões de campanha 77 por um grupo de obuseiros leves daquelle calibre. (1)

Além disso, foi prevista a mobilisação, como artilharia pesada eventualmente affecta aos exercitos de campanha, de um certo numero de batalhões de artilharia a pé, os quaes teriam a seu serviço obuseiros de 15, morteiros de 21 e canhões longos de 13.

Esse novo auxiliar da guerra de campanha experimentou o anno passado notaveis accessimos, elevando-se o numero de regimentos de 18, que eram os existentes em 1912, para 25, crescendo tambem as inspecções de artilharia a pé, hoje em numero de tres.

Não nos interessam, no presente apanhado, os canhões de campanha propriamente ditos : prosseguindo nas considerações encetadas sobre o papel que a artilharia de grosso calibre volta a assumir em campanha, queremos mostrar como os allemães, fieis á sua doutrina de destruição da artilharia inimiga, resolveram o importante problema que a França, no dizer mesmo de distintos officiaes seus, ainda está por estabelecer em relação ao seu material.

Ninguem desconhece hoje a valiosa protecção que o escudo veio proporcionar ao pessoal e ao material de artilharia. Si notaveis exemplos de destruição podemos citar como levada a termo pela artilharia de campanha, taes resultados são devidos mais aos expedientes tacticos, aos tiros de revez e de enfiada, ao extraordinario numero de tiros do que verdadeiramente ao grande efecto material do projectil.

(1) Assim a proporção passou a ser de 6 baterias de obuseiros leves (2 grupos), isto é, de 1:3, ou um grupo de obuseiros leves para cada 3 grupos de canhões. Seria pois um passo acertado que adoptassemos como modelo o que se fez na 9<sup>a</sup>. região em carácter provisório: um grupo de obuseiros de duas baterias para cada regimento de canhões.

A artilharia de campanha, muito propria para deter e embaraçar a marcha da infanteria adversa, não é, afirmão os allemães, uma arma feita para destruir a artilharia contraria. Esse papel é reservado a canhões de maior calibre, aos obuseiros leves e pesados de trajectoria curva, aos canhões de longo alcance e trajectoria tensa.

« Parece que não nos enganamos atribuindo a preferencia excessiva dada pelos franceses ás posições mascaradas, a despeito da protecção dos escudos e do decrescimo de efficacia, á existencia, no exercito allemão, de uma forte artilharia pesada » (*Emploi tactique de l'artillerie lourde*. Cap. H Friederich).

Vejamos então esse material.

1.<sup>o</sup>) *Obuseiros leves*. O de tiro rapido 10,5 M. 98/10 está aos poucos substituindo o antigo obuseiro de 1898 do mesmo calibre, mas de reparo rígido.

A semelhança do que economicamente fizem com o canhão de campanha, conservaram os allemães as boccas de fogo, as viaturas e munições; substituiram o reparo rígido pelo de deformação e modificaram o apparelho de fechamento, agora munido de uma alavanca de manobra e de um sistema de armar automatico combinado com o movimento da cunha.

O freio hidráulico de que é provido o reparo não depende do recuperador ; o cumprimento do recuo é constante ; e, por um dispositivo especial nos munhões, é possivel o tiro sob grandes angulos sem que se arrisque a culatra a encontrar o solo.

A pontaria é realizada por um apparelho de visada de tambor com luneta panoramica.

O projectil do obuseiro leve (*einheitsgeschoss*) adoptado já em 1905 e que substitui a um tempo a granada e o schrapnell, é o projectil unico da peça. Sua adopção simplificou o municiamento e aumentou sensivelmente a efficacia do obuseiro leve.

Elle encerra ao mesmo tempo um grande numero de ballins e uma certa quantidade de explosivo e é provido de uma espoleta de quadruplo efeito, permittindo o arrebentamento percutente com ou sem retardo e o arrebentamento de tempo como schrapnell, gerba estreita de 14°, ou como granada, gerba de 200°.

A efficacia da granada é independente do alcance, mas não é consideravel se o ponto de arrebentamento está um tanto afastado do objectivo.

Quando proximo, o grande angulo de

queda dos estilhaços torna a granada particularmente apropriada para atingir os objectivos abrigados e o pessoal mesmo protegido pelos escudos das peças.

A dispersão em largura dos estilhaços efficazes do projectil unico permitte bater alvos cuja largura, 150 a 200 m., é cerca de duas vezes a frente de uma bateria de 6 peças; ella facilita assim consideravelmente a luta contra objectivos desenfiados e cuja extensão no sentido da frente não possa ser fixado com precisão.

Por todos esses motivos, diz o capitão Glück, de quem extraímos estas informações (*Obusiers de Campagne et artillerie lourde*) considera-se na Alemanha que o obuseiro leve pode ter uma séria efficacia contra o pessoal das baterias de escudos mesmo mascaradas, gracas a um tiro systematico nos limites da zona a bater, indo de 300 a 400 m. de profundidade e sem um consumo exagerado de munições.

Descobre-se assim porque se augmentam as baterias de obuseiros leves na Alemanha e porque a França, receosa da destruição, a despeito da protecção de seus escudos «força a artilharia a empregar as posições mascaradas com todas as suas desvantagens» (*Tactique de l'artillerie lourde*).

O obuseiro leve faz parte integrante das divisões de corpo de exercito.

Considera-se que o obuseiro collocado em posições muito desenfiadas poderá atirar sobre as baterias francezas de 75, ficando ao abrigo dos canhões de trajectoria tensa. Elle poderá, alem disso, atingir com a maior efficacia os objectivos que os canhões de campanha não logrem bater, principalmente a infantaria abrigada atraz de entrincheiramentos, localidades, mattas altas, etc.; é susceptivel de destruir a maior parte das coberturas que se encontram no campo da batalha e de agir contra os balões e dirigíveis mesmo em grande altura.

Mas a efficacia de seu projectil não parece suficiente contra os abrigos das posições de campanha fortemente entrincheiradas e cuja destruição é reservada aos obuseiros pesados.

Resalta, do exposto, que a principal missão do obuseiro leve é a de contrabater a artilharia inimiga.

### 2.º) Obuseiro pesado de 15. M. 1902.

E' a peça principal da artilharia pesada; recua sobre o reparo, tem o freio de glycerina, larga pá na conteira, mas sem escudos fixos.

O projectil de 40 kg. encerra 7.<sup>o</sup> 300 de explosivo e é armado de uma espoleta percutente com ou sem retardo; a gerba lateralmente cobre, em circunstancias favoraveis, cerca de 80 metros e em profundidade, 25 a 30 m.

Os estilhaços são perigosos até 40 m. de cada lado do ponto de arrebentamento e atra-vessam a espessura de um escudo.

A acção do fogo da artilharia pesada é decisiva contra a artilharia *reconhecível*, contra a infantaria dentro ou a retaguarda dos abrigos e sobretudo contra os pontos de apoio fortemente constituídos.

Contra as baterias acima referidas, mais ou menos assinaladas por quaesquer indicios (clarões, poeira levantada, postos de observação, etc.) ainda que estejam a grande distancia, a artilharia pesada poderá executar um tiro em profundidade com projectis percutentes, pois que a acção do projectil de 15 permite um tal tiro sem grande consumo de munições. Sua efficacia não se altera mesmo ás grandes distancias (7500), permittindo ao obuseiro agir contra a artilharia de campanha com alças muito alem daquellas com que o canhão de 75 possa produzir qualquer efecto. De mais, a possibilidade de atirar sob grandes angulos torna-o apto a tomar desenfiamentos consideraveis e a utilizar as masearas (bosques, localidades, etc.), approximando-se o mais possivel destes objectivos — o que é incontestavelmente uma grande vantagem nos terrenos muito cobertos e onde a ligação se torne impraticavel.

O obuseiro pesado é superior ao obuseiro leve como potencia de penetração, de destruição e de dispersão de seu projectil. E' por isso que, diz o regulamento allemão, elle é vantajosamente utilizado contra a artilharia e contra as posições de infantaria fortemente organisadas.

Comtudo, sua missão mais importante é a de dominar, de concerto com o obuseiro leve, a artilharia inimiga; não vem senão em segundo plano sua vigorosa cooperação na luta contra a infantaria.

3.º) *Canhões longos*. A artilharia pesada a pé dispõe de canhões de 15<sup>cm</sup>, antigo modelo; dos de 10<sup>cm</sup>, M. 1904; e, sobretudo, de canhões de 13, futuros substitutos dos canhões de 15.

Verdadeiramente esses canhões pertencem á artilharia de sitio; modificações advindas no regulamento de artilharia a pé prevêm, porém, sua utilisação na guerra de campanha.

O canhão de 10, de longo recuo, pá na

conteira, dois freios hidráulicos com recuperadores de móla, fechamento de cunha vertical, atira com schrapnell e granada explosiva de 18 kg. e tem o alcance máximo de 10.000 m.

O canhão de 13<sup>cm</sup>, de recuo sobre o reparo, pode, graças ao emprego de sapatas nas rodas, deslocar-se sobre os máos caminhos. Elle atira com granada e schrapnell de 40 kg. e tem o alcance máximo de 14.500 m.

Quanto ao emprego tático da artilharia pesada, já tivemos occasião de citar, em o artigo anterior, algumas opiniões a respeito e trechos de seu regulamento.

Os canhões longos de 10 e de 13 são destinados a destruir objectivos resistentes; alem disso, devido a seu grande alcance e aos potentes efeitos de dispersão dos projectis, elles são igualmente apropriados ao tiro contra alvos animados, as estradas e as localidades nas maiores distâncias, assim como contra os balões e os dirigíveis.

Pensa-se na Alemanha, escreve o capitão Glück (*ob.cit.*) que o grande alcance e a precisão do tiro dos canhões longos forçarão o inimigo a se desenvolver prematuramente. Essas qualidades adicionadas ao grande numero de ballins que o projectil encerra, asseguram-lhes uma superioridade considerável sobre o canhão da campanha.

Na luta de artilharia, esta superioridade pode ser aproveitada em um tiro de revez com o auxilio do qual se atinge o pessoal atraz dos escudos — o que não é possível senão com um grande alcance.

Em princípio a artilharia pesada emprega-se por batalhões, devendo ser engajada somente quando á situação tática estiver bem esclarecida. Entretanto, quando se quiser embarcar a grande distância a marcha de approximação do adversario; obrigar-o a fazer grandes voltas, barrar desfiladeiros ou assegurar o escoamento das forças que os atravessem, ella deverá entrar cedo em ação.

Onde colocal-a então na columna de marcha?

O regulamento de 1908 assim se expressava: « A artilharia pesada segue na cauda do grosso, atrás da columna leve de munições da artilharia de campanha. » Embora em seus paragraphos fosse prevista a sua utilização desde o inicio da luta, uma grande discussão pela imprensa militar veio acarretar-lhe importantes modificações:

« Si o corpo de exercito marchar por uma só estrada, a artilharia pesada será ligada, em

princípio, a divisão da testa. No interior de uma calumna de divisão, ella marchará em geral, na cauda da infantaria. Si se previr sua utilização cedo poder-se-á levar-a mais para a frente; em certas circunstâncias poderá até ser collocada diante da artilharia de campanha do grosso.

Será então preciso examinar se esse facto não virá retardar o deslocamento desta artilharia e sobretudo da infantaria. »

Alguns autores, inspirando-se no grande Frederico II, citam mesmo a propósito sua abalisada opinião: « Os engenhos pesados e lentos devem ser collocados na vanguarda; aquelles que são leves e moveis poderão ficar para traz. »

Vejamos a França.

*Pompeu Cavalcanti.*

1.<sup>o</sup> Tenente.

## Estudo sobre Metralhadoras

### INTRODUÇÃO

A experiência das guerras regulares mais recentes veio mostrar, de modo claro e decisivo, quão longe estavam da razão aqueles que, à maneira do velho general Dragomiroff, andaram pleiteando o desprestígio, proclamando a inefficacia das metralhadoras, cheios de uma impetuosidade verdadeiramente furiosa.

Quer na guerra russo-japoneza, quer nas duas ultimas guerras, a italo-turca e a turco-balkanica, com efeito, as metralhadoras demonstraram á saciedade todo o seu valor, toda a sua importancia, toda a grandeza do seu prestígio na generalidade das ações em que tomaram parte.

Durante todo o transcurso do choque incomparável que se deu entre as forças do colosso moscovita e as do gracioso paiz do Sol-Nascente, principalmente, de tal modo se firmou a efficacia das metralhadoras modernas que logo depois da guerra a Russia e o Japão aumentaram o numero das que possuíam e o desdito general Kuropatkine, em discurso que dirigiu aos officiaes do primeiro exercito da Mandchuria, em fevereiro de 1906, falando das perdas experimentadas, situação moral, etc., não trepidou em assignalar como uma das lacunas determinantes dos revezes que sofreu — a deficiencia de metralhadoras.

Quando empregadas criteriosamente, fosse pelos japonezes ou fosse pelos russos, tão extraordinarios eram os effeitos que estas armas produziam nas fileiras adversas, tanto de ordem material quanto de ordem moral, que os soldados não tardaram em cognominal-as de «grogadores do diabo».

A 12 de outubro de 1904, em Pensiku, o destacamento Rennenkampf, apoiado pela cavallaria Sansonow, retirava-se para a margem direita do Taitsen-Ko, quando a 2.<sup>a</sup> brigada de cavallaria independente, do principe japonês Kanin, subindo pela margem esquerda, foi surprehender de escarpa, com os fogos das suas metralhadoras, uma brigada russa que tinha ficado de reserva, em formação densa. Esas metralhadoras começaram a atirar de uma distancia de 1.200 metros, approximadamente. Em poucos minutos, a brigada soffria perdas tão consideraveis que se dispersou, arrastando em sua fuga todas as tropas de primeira linha e deixando 600 cadáveres no terreno.

A 1.<sup>o</sup> de maio de 1904, uma companhia de metralhadoras russas conseguiu conservar os japonezes á distancia e cobrir a retirada da ala esquerda de suas tropas, que tinha sido completamente surprehendida no Yalú.

A 7 de março de 1905, na batalha de Mukden, duas secções de metralhadoras japonezas destruiram quasi inteiramente o 4.<sup>o</sup> batalhão do 9.<sup>o</sup> regimento russo, que marchava em varias linhas escalonados de atiradores ao contra-ataque da povoação de Hantchampu. As duas secções cruzavam os seus fogos, tomando de escarpa e de enfiada as linhas de ataque. O batalhão perdeu todos os officiaes e 772 homens sobre 800.

A 9 de março de 1905, na povoação de Santaitsé, as 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> companhias do 57.<sup>o</sup> regimento de infantaria de Modlina foram literalmente destruidas pelo fogo das metralhadoras japonezas, quando executavam uma carga á bayoneta.

No ataque de Sin-Fan-Tai, onde se achavam os japonezes entrincheirados, todo o primeiro batalhão do 24.<sup>o</sup> regimento de atiradores siberianos foi dizimado em poucos minutos pelas metralhadoras japonezas, o que occasionou a retirada ou melhor a fuga de todo o resto.

Finalmente, para não enumerar muitissimos outros exemplos que se encontram enfeixados na historia gloria da luta formidanda atestando á evidencia as excellentes qualidades das metralhadoras, lembro aqui a tomada do reducto Panlong pelos arrojados soldados do mikado. Quando a companhia ja-

poneza de ataque se apoderou do reducto Panlong, os soldados moscowitas, por occasião da refirada, abriram sobre ella um fogo tão efficaz com as metralhadoras da retaguarda que de todos os homens que a compunham somente um ficou illeso. Esse homem foi o tenente Yoshida, valoroso official, que depois do combate, consoante o afirmar do tenente Tadeyoski Sakurai no emocionante episodio —*Os homens da morte certa*— se assentou sobre o parapeito de Panlong e ficou velando os restos dos seus denodados camaradas, enquanto estes estiveram empilhados em tres e quatro camadas por entre os canhões arrebatados ao inimigo.

A ninguem talvez assistam poderosas razões para affirmar que tão numerosos e brilhantes, como os que ahi ficam debuxados, fossem os exemplos do emprego de metralhadoras na guerra italo-turca; que, porem, lhes não são inferiores no fulgor os que nos oferece a lucta turco-balkanica, é verdade incontroversa.

A 30 de outubro do anno de 1912, por exemplo, no segundo dia da batalha de Lule-Burgas, foi, especialmente, graças ao emprego de suas metralhadoras que por mais de uma vez os bulgaros conseguiram repellir as investidas da infantaria do 2.<sup>o</sup> corpo de exercito ottomano.

Eis como refere o que sucede o correspondente especial do *Daily Telegraph* junto ao exercito turco, em trechos de uma desenvolvida narrativa que remetteu para seu journal sobre aquella memorável batalha, e que se acha transcripta no *Correio da Manhã*, que a traduziu:

«Pela manhã do dia 30, depois de muitas outras peripecias da lucta, a fuzilaria bulgara cessara completamente» «Apenas os canhões despejavam os seus terríveis shrapnels sobre os atacantes. Os officiaes do estado-maior de Abdullah, que acompanhavam as operações com a respiração quasi suspensa, de quando em quando trocavam entre si olhares em que havia um raio de esperança.

«Mas de repente, um ensurdecedor ruido de fuzilaria, misturado com o zumbido diabólico das metralhadoras, veio nos revelar que os bulgaros estavam a postos. O tremendo ruido durou apenas alguns minutos. De subito começaram a surgir no extremo do mata-gal os restos da infantaria turca. Cerca de cincuenta por cento das tropas de Shefket Torgut tinha ficado no meio do arvoredo, victimado pela metralha e pelas balas dos bulgaros. Os que tinham escapado voltavam em

uma debandada completa, tomados de um pânico irresistível. Esses homens, que alguns minutos antes avançavam como heróis desafiando o fogo da artilharia inimiga, corriam agora como loucos, sem prestarem atenção aos gritos dos officiaes que os procuravam deter. Tal era o terror que se apoderava dos soldados, que elles não quizeram permanecer mais na linha de fogo onde tinham estado anteriormente e foram abrigar-se, como um rebanho desordenado, por detrás das colinas».

Proseguindo na narração dos acontecimentos daquelle mesmo dia, o correspondente inglez assinala a segunda occasião em que as metralhadoras representaram papel brilhantíssimo.

«Era ao cahir da tarde. Abdullah, não querendo dar-se por vencido sem tentar um derradeiro esforço supremo, á semelhança do que fizera Napoleão em Waterloo com a Guarda, transmittiu novas ordens a Shefket Torgut para atacar o inimigo com o 2º corpo do commando deste. «As tropas estavam fatigadas e deprimidas pelo fogo mortífero da artilharia bulgara, a que elles tinham estado expostas durante todo o dia. Mas, apesar de tudo isso, os turcos preparam-se para avançar pelo terreno coberto com os cadáveres de seus camaradas, victimados no ataque da manhã.

«Desta vez não foi formada linha de atiradores. Todo o corpo de exercito, ou antes tudo o que restava do Segundo Corpo de Exercito moveu-se em formatura cerrada para a beira do plateau, onde pela manhã os turcos já tinham sofrido um tão terrível desastre. Immediatamente o inimigo percebeu o movimento e, segundo informações que recebi, nada menos de doze baterias bulgares foram concentradas sobre as tropas atacantes. Com os nossos binóculos podíamos ver o fumo branco das granadas, que explodiam a todo o momento no meio das columnas cerradas da infantaria turca. Logo em seguida, os bulgares romperam sobre elles um fogo terrível de fuzilaria e de metralhadoras que nenhum exercito poderia enfrentar. As fileiras ottomanas oscillaram e pouco depois romperam-se e precipitaram-se para a retaguarda».

Não é, pois, sem bem fundadas razões que se vê hoje operar por toda a parte um largo movimento em favor das metralhadoras ou, como se diz, recorrendo á lista dos neologismos franceses—da «metralharia».

Realisa-se afinal o bello pensamento expresso por lord Wolseley a respeito desse

elemento de guerra, em 1885, numa sessão da *Royal united service institution*. «Eu penso, disse então lord Wolseley, que as metralhadoras têm deante de si um futuro brilhante; quando ellas forem empregadas com inteligencia, produzirão efeitos incalculaveis e revolucionarão a tactica».

Actualmente, quasi todas as nações se acham vivamente empenhadas em dotar-se convenientemente de metralhadoras. Aquellas que já eram providas destas armas, como a Alemanha, a Inglaterra, a Suissa e muitas outras, buscam pressurosas aumentar o numero das que tinham, e aquellas que o não eram estão grandemente interessadas em possuir-as, desejosas de acompanharem os progressos da sciencia militar moderna.

Desta vez, felizmente, não nos quedamos para traz, indiferentes: acompanhamos a marcha para a freute dos povos que se interessam verdadeiramente pelo seu armamento. Mercê da lei de 4 de Janeiro de 1908, que reorganisou o Exercito, tambem nos achamos dotados de metralhadoras, repartidas por cinco companhias, que fazem parte integrante das cinco brigadas estratégicas que possuímos, e por doze secções, que são dos doze batalhões de caçadores existentes na nossa organisação.

Agora, só nos cumpre buscar sempre e cada vez mais interessarmo-nos pelas questões referentes ás metralhadoras, estudando-as, discutindo-as, esclarecendo-as.

E' por ser esta a minha maneira de ver que resvoli publicar algumas notas sobre organisação, tactica, etc., destas armas, notas estas que irei colhendo em trabalhos diversos.

**Aspirante João Pereira de Oliveira**

( Da 1.ª Companhia de metralhadoras. )

## COMMANDO DO GRUPO DE ARTILHARIA EM COMBATE

*(Continuação)*

**Ataque e mudança de posição para a frente afim de apoiar o ataque da infantaria.**

Situação de combate: A vanguarda de uma divisão marcha de A. para B. Quando a testa da vanguarda chega á povoação C. recebe fogo de artilharia de uma elevação que fica em frente.

### O commandante da vanguarda ordena:

1. O inimigo, em marcha para B. alcançou com sua vanguarda aquellas alturas. Nossa vanguarda ocupa imediatamente a encosta desta collina aqui em nossa frente.
2. O grupo toma posição na altura a leste da povoação C. e combate a artilharia inimiga.

### Ordem do commandante do grupo aos commandantes de bateria:

*A vanguarda do inimigo ocupou aquellas alturas. A artilharia inimiga já está ali em posição. A infantaria de nossa vanguarda ocupa a encosta que fica a 500 m. na nossa frente.*

*O grosso da divisão ficará á nossa direita. Vamos atacar. O grupo toma posição nesta collina e atira contra a artilharia inimiga. Frente geral (indica)! Marcha de aproximação e posição — cobertas. — Lugares das baterias irei mostrar. Observatorio do grupo naquella eminencia, 150 m. atraç do meio do grupo. Observatorio dos commandantes das baterias esquerda e centro junto a estas o mais possível; ligação telephonica commigo. Observatorio da bateria direita junto a mim Objectivos: bateria da esquerda: peças 10 millesimos á esquerda do grupo de arvores. — Bateria centro: peças que estão junto ás arvores isoladas. Ponto de regulação o meio de cada objectivo. — Bateria da direita: peças que se acham logo á esquerda da mangueira grande. Abertura do fogo á minha ordem. O fogo começará pela esquerda do grupo com 10 segundos de intervallo. Acompanhem-me. (Designação dos lugares das baterias, com 100 até 150 passos de intervallo).*

#### 1.ª POSIÇÃO

##### MOMENTO I

Não obstante o espaço ocupado pelo objectivo ser relativamente estreito, tencionava o commandante do grupo empregar todas as suas baterias contra as duas inimigas. Para evitar a confusão dos tiros fixou ás baterias os respectivos pontos de regulação e dispôz sobre a ordem na abertura do fogo.

Quanto menor for a frente do objectivo, tanto mais difícil será distinguir os tiros de cada bateria.

Neste caso se oppunha ás nossas trez baterias apenas uma frente estreita: 12 peças aqui, contra 8 lá.

Quanto mais larga for a frente do ob-

jetivo relativamente á nossa com tanto maior segurança se evita a confusão dos tiros e tanto menos necessarias se tornam medidas especiaes para cada bateria, como p. ex. designar o ponto de regulação, dispor sobre a ordem na abertura do fogo, ou fazer calar uma bateria enquanto as outras duas formam o garfo.

No caso de um objectivo muito estreito pode ser conveniente fazer só com uma bateria a regulação do tiro e então, apóz a formação do garfo de 100m mandar que as outras duas abram o fogo á distancia correspondente.

O reconhecimento e o julgamento do objectivo pelo commandante do grupo exercem decisiva influencia sobre as disposições por elle tomadas para batel-o.

A luneta de bateria ou o binocolo graduado facilitam-lhe consideravelmente, esse julgamento.

Nós dispomos aqui de 12 peças para combater apenas 8 peças inimigas. Por conseqüente a superioridade é muito grande do nosso lado, e, presuposta uma determinação exacta da alça, ella será de notar dentro em pouco. Resta a duvida se não se deveria empregar aqui apenas duas baterias deixando a outra disponivel.

Pouco tempo depois nota-se enfraquecimento do fogo inimigo. A bateria direita parece ser a que mais sofreu.

##### MOMENTO II

A direita da ponta do matto entra despercebida em combate uma nova linha de artilharia que rompe fogo contra a nossa, e, cuja frente, por sua extensão, se reconhece ser a de trez baterias.

### Ordem do commandante do grupo:

Baterias direita e centro: bater a nova linha de artilharia que apareceu á direita da ponta do matto: bateria centro: a parte do objectivo comprehendida entre a ponta do matto e a moita de arbustos á direita; bateria da direita: desse ponto para direita.

Bateria esquerda continua a manter sob seus fogos toda a primitiva linha de artilharia.

\* \*

Vê-se claramente que o adversario tinha, como nós, desenvolvido ao principio apenas a artilharia da vanguarda, ou, talvez as baterias que acompanhavam a cavallaria. A artilharia do nosso grosso — 9 baterias — estava, quando o grupo rompeu o fogo contra o ob-

jectivo I, ainda cerca de 4,5 kilometros para a retaguarda, na columna de marcha. Com a chegada das novas tres baterias ficou o inimigo superior em artilharia, mas não muito, pois que as duas primeiras tinham soffrido bastante. Desesperada não é a situação, uma vez que o ataque de nossas baterias do grosso não se fará esperar.

As medidas tomadas pelo commandante do grupo foram acertadas. E' o caso, porem, de se reflectir se seria o melhor, logo que o objectivo II appareceu, fazer duas baterias voltarem seus fogos para elle, isto é, empregar duas baterias na regulação do tiro.

E' assaz indiferente que duas baterias façam a regulação ou apenas uma. Encarregando-se disso duas baterias, como aqui aconteceu, ficou o inimigo mais perturbado; fazendo só uma bateria a regulação do tiro, podiam as outras duas aproveitar todo esse tempo para continuar seu tiro de efficacia contra o objectivo I. No presente caso, em que cada minuto tinha de ser aproveitado para produção de effeito, esse ultimo alvitre seria de grande significação.

Si se voltam duas baterias contra o novo objectivo, recebe cada uma a missão de bater a metade que lhe fica defronte; se se emprega primeiro só uma bateria, designa-se-lhe a metade mais visivel.

Inteiramente errado teria sido abandonar de todo o objectivo I e voltar logo as trez baterias contra o objectivo II, pois aquelle poderia á vontade dirigir seu fogo contra nossa infantaria. Tão pouco teria sido certo deixar permanentemente duas baterias contra o objectivo I e empregar apenas uma contra o objectivo II, visto que este, sob um fogo tão fraco, poderia nesse caso com duas baterias atirar contra nossa infantaria.

### MOMENTO III

Durante essa lucta os outros grupos tomam posição á nossa direita e o commandante do nosso regimento designa aos seus grupos as zonas de combate:

*Objectivos para o grupo da esquerda (o nosso): Tudo desde o capão de matto inclusive para a esquerda.*

*Em vista disso temos que abandonar o objectivo II, á direita do matto, pois que elle fica no campo de tiro de outro grupo.*

### Ordem do commandante do grupo:

*Bateria direita: atirar contra a bateria primitiva á esquerda do matto. Baterias cen-*

*tro e esquerda batem juntas a bateria esquerda.*

\* \* \*

O commandante do grupo reparte dessa maneira a frente do objectivo para oppor consideravel superioridade de fogo á bateria esquerda que realmente ainda sustenta mais intenso fogo do que a bateria direita.

### MOMENTO III A

Desde longo tempo se havia imprudentemente detido na frente da ponta do matto um estado maior que offerecia um alvo muito atrahente. Até este momento, porem, não tinha sido possivel atirar contra elle porque a artiharia inimiga mantinha ainda intenso fogo, parte contra nós, parte contra a nossa infantaria. Agora, que o fogo do objectivo I parece ter enfraquecido, pode-se e deve-se aproveitar esta occasião, pelo que:

### Ordem do commandante do grupo:

*Bateria centro: Fogo contra o estado maior na frente da ponta do matto; distancia pela carta 3000 metros.*

*O commandante da bateria dá os seguintes commandos :*

*Sh. tp.! Toda a bateria! Deriva-menos tanto! Escalonar de menos 5! Sitio-tanto! Alça 2700! Corrector 12! Escalonar! 3 grupos! (\*)*

Feitos os tiros, cujo effeito foi bom, pois o estado maior desapareceu rapidamente, a bateria volta de novo seu fogo contra a artilharia.

### MOMENTO IV

O fogo do objectivo I enfraqueceu notavelmente. Trez peças ha muito deixaram de atirar; ellas parecem ter ficado incapazes de continuar a lucta. As outras peças mantem ainda o fogo contra a nossa infantaria.

Durante estes acontecimentos o inimigo impelliu uma parte de sua infantaria para a frente e occupou uma elevação existente á esquerda da ponta do matto. Ouvia-se lá desde algum tempo o fogo de infantaria. Agora tornou-se esse fogo francamente mais intenso. E' facil reconhecer que a nossa infantaria conseguiu avançar cerca de 700m. A distancia de nossa posição até a infantaria inimiga é de 1800m mais ou menos.

### Ordem do commandante do grupo:

*Baterias esquerda e centro: a braços para a frente.—Bater juntas a linha de atira-*

(\*) Grupos de tiros.

dores em frente. Distancia pela carta 1800<sup>m</sup>. Bateria direita : manter debaixo de fogo as peças inimigas que ainda atiram. As duas mais proximas da ponta do matto e a mais afastada de todas parecem incapazes de combater.

\* \* \*

A ordem do commandante do grupo empregando duas baterias contra a infantaria inimiga é conveniente e certa, pois o ataque de nossa infantaria deve agora ser apoiado e seu impulso facilitado pelo nosso fogo.

A potencia de fogo da artilharia inimiga estava com efeito enfraquecida. Todavia, de suas 8 peças 5 faziam fogo sobre a nossa infantaria que avançava para o ataque contra a infantaria de posse da elevação.

**"Na escolha dos objectivos deve-se sempre ter em vista o mais efficaz apoio á infantaria amiga".**

Se isto se consegue atirando contra a infantaria inimiga ou impedindo que a artilharia inimiga volte toda a sua potencia de fogo contra a nossa infantaria, depende da situação do momento. Aqui devia ser tomada a elevação que estava em poder do inimigo, isto é, o fogo devia voltar-se contra ella. Perigoso, porém, à execução do nosso ataque era o fogo das 5 peças inimigas dirigido contra nossa infantaria. Por isso deviam elllas também ser mantidas sob o nosso fogo.

Tivesse a artilharia inimiga dirigido seus fogos contra nós e não contra a nossa infantaria, deviam nossas baterias supportalos sem responder.

**O commandante do grupo teria nesse caso empregado suas trez baterias em apoiar o ataque á infantaria inimiga.**

#### MOMENTO IV a

O resultado não tardou. Nossas linhas de atiradores avançam pouco a pouco e conseguem associadas ás nossas duas baterias superioridade de fogos sobre a infantaria inimiga. Esta não espera o ataque a bayoneta e retira em direcção ao capão de matto, perseguida pelo fogo da infantaria e de ambas as baterias.

**Aqui não era o caso de uma ordem especial do commandante do grupo para atirar contra a infantaria em retirada. E' evidente que as baterias assim deviam proceder, pois se tratava de seu objectivo antigo. Ainda que os atiradores, depois de terem percorrido em retirada cerca de 150<sup>m</sup> conseguissem abrigar-se do fogo de nossa artilharia, bastou este**

**pequeno percurso para lhes causar fortes baixas.**

**Os commandantes de baterias devem rapidamente aproveitar esses instantes favoraveis em que o objectivo levanta e retira; mas sem perder de vista a infantaria amiga afim de não lhes causar danno com seu proprio fogo. Mui rápidas alterações da alça, energeticamente ao encontro do objectivo, e tambem após o desaparecimento deste, augmentando a alça, atirar no fundo do valle.**

\* \* \*

#### Situação de combate

O adversario mantem-se de posse do capão de matto e do terreno á direita e esquerda deste. Nossa infantaria avança para atacar o capão de matto.

**O commandante do regimento ordena:**

**"Grupo da esquerda (o nosso) avança para apoiar o ataque da infantaria. O grupo da direita mantem debaixo de fogo a artilharia situada á esquerda do capão do matto.**

**Ordem do commandante do grupo ao commandante de bateria mais antigo :**

**O grupo avança para a collina tal, afim de apoiar o ataque da infantaria. Eu sigo na frente para reconhecimento. Conduza o grupo. Os commandantes de baterias ao meu encontro lá, logo que o grupo esteja em marcha.**

#### 2a. POSIÇÃO

##### MOMENTO V

Chegando á collina indicada o commandante do grupo reconhece uma longa linha de atiradores inimigos. Objectivo V em luta com a nossa infantaria. Esta a cerca de 600<sup>m</sup> adiante da collina. Da artilharia inimiga á esquerda do capão de matto só 4 peças fazem fogo, 3 da bateria esquerda e 1 da direita. Ellas dirigem seus fogos contra a nossa infantaria. Em vista da pequena distancia (1800<sup>m</sup>) vê-se distintamente com o binocolo que principalmente na bateria direita ha grande destruição de material.

A collina em que se acha o commandante do grupo parece posição muito favoravel aos intuiitos do combate.

**Ordem do commandante do grupo :**

**"O grupo toma posição aqui; — marcha**

e posição descobertas. — Combater a linha de atiradores situada à esquerda, frente e direita do capão de matto. Cada bateria toma sob seu fogo a porção do objectivo que lhe fica defronte. Abertura do fogo immediata. Meu observatorio entre as baterias esquerda e centro. Observatorio da bateria centro junto do meu. Ligação telephonica das outras baterias com o grupo".

Quando a artilharia inimiga viu que nossas tres baterias rompiam violento fogo contra a infantaria voltou seus fogos contra nós; momento Va. Não havia nenhum motivo para empregar uma das baterias em resposta. Ao contrario, nessa infantaria ficou assim em parte alliviada. O fogo da artilharia devia ser supportado e ficar sem resposta. Nossa principal missão consistia em dirigir contra a infantaria inimiga um fogo violento e dominador para apoiar assim o ataque decisivo da nossa propria infantaria.

#### MOMENTO V a

Afim de fazer afrouxar o ataque de nossa infantaria, o adversario fez metralhadoras entrarem em acção no seu flanco direito junto á orla de um bosque (objectivo VI) e estas dirigiram seus fogos contra o flanco esquerdo de nossa infantaria.

O commandante da bateria esquerda, vendo o perigo que a 600m ameaçava nossa infantaria, volta immediatamente o fogo de seus canhões contra esse objectivo.

O commandante do grupo concorda com essa mudança de objectivo e ordena :

*Bateria centro : Linha de atiradores do meio do capão de matto para a esquerda; bateria direita do meio do capão de matto para a direita".*

\*

\*\*

Esta ordem foi realmente superflua. Os commandantes de bateria teriam por iniciativa propria em tal caso feito esta nova repartição do fogo quando vissem que a bateria esquerda tinha passado a atirar contra um outro objectivo.

#### MOMENTO VI

A nossa direita um outro grupo do regimento tomou posição desde algum tempo e dirige seus fogos contra a artilharia que situada á esquerda do capão de matto da direita (objectivo II) e contra a infantaria que se encontra nessa direcção.

Nossa infantaria avança para o ataque a bayoneta; a infantaria inimiga é desbaratada e escoa-se pelo matto a dentro.

Nosso grupo atira contra a infantaria em retirada, empregando sh. tp. contra a que segue á direita e esquerda do capão de matto, e gr. p. contra a que se embrenhou no matto, em cujo interior atira augmentando a alça para cada grupo de tiros com toda a bateria.

Os armões approximam-se para que o grupo possa avançar immediatamente em perseguição.

A artilharia inimiga á esquerda do capão de matto da direita ( Objectivo II ) retirou; a artilharia á esquerda do capão de matto do centro ( Objectivo I ) cai nas mãos de nossa infantaria vitoriosa.

*"O grupo, com a mais rapida andadura avança em perseguição. Nenhuma bateria espera pelas outras, a que está prompta para avançar segue logo".*

No proximo numero veremos como se fez a perseguição.

(Continua)

Capitão Lima e Silva

## Questões á margem

(DO JOGO DA GUERRA)

### Algumas observações sobre o «raid» de pelotões

O commando que me foi dado, de um pelotão do 7.<sup>º</sup> Batalhão, para concorrer ao *raid*, serviu-me para fazer diversas observações sobre a grandeza do passo e velocidade da marcha do nosso infante, fardamento, equipamento, etc.

Tendo organizado o pelotão com praças, atiradores regulares, fiz o treinamento do tiro de combate, e cinco marchas que variavam entre 16.000 ms. e 30.000 ms.

Estalonando meu passo, constatei ser a sua grandeza de 0,m70, e percorrendo distâncias previamente conhecidas, marchando ora na frente do pelotão, ora á retaguarda, verifiquei que era realmente de 0,m70 a grandeza do passo do nosso infante, em geral de média estatura.

Quanto á velocidade média, obtive, com o auxilio de um podometro, na 1.<sup>a</sup> marcha a de 131,p31 ou 94,m61 por minuto, na 2.<sup>a</sup> a de 120p ou 83m, na 3.<sup>a</sup> a de 122,p48 ou 85,m76, na 4.<sup>a</sup> a de 141,17 ou 98,m81 e na 5.<sup>a</sup> a de 126,p05 ou 88,24.

No dia do *raid*, tendo de fazer a marcha regulada de 21.652m em 5 horas e a livre de 8.592m no tempo maximo de 3 horas, obtive na 1.<sup>a</sup> a velocidade média de 121,p63 ou 85,m14 por minuto, em 4,h59,'30", inclusivo 0,h45' de altos horarios, e na 2.<sup>a</sup> a de 150,p79 ou 105,m55 em 1,h21,'40".

O *raid* foi feito com a temperatura á sombra de 31<sup>o</sup> cent. e ao sol de 39<sup>1</sup> a 41; com a grande velocidade acima verificada e a excessiva temperatura,

nenhum caso de insolação deu-se, chegando o pelotão ao ponto terminal da marcha, com o seu efectivo completo e em perfeito estado sanitario.

Para isto muito concorreu o emprego de algumas prescrições estabelecidas pelo Major Guillon, medico das tropas colloniaes francezas, como sejam, o uso da agua acidulada e o de um lenço molhado sobre a cabeça, cahindo sobre os hombros.

O nosso R. I. em seu artigo 34, estabelece para o passo, a grandeza de 0,75m e a velocidade de 114 por minuto podendo ser elevada a 120, acho que a grandeza do passo do nosso infante é de 0,70m e a velocidade de 120, podendo ser elevada à 140.

O nosso fardamento de campanha satisfará ás nossas necessidades, substituindo o gorro de pala por um pequeno capacete de cortiça coberto de brim kaki, usando-o tambem nos uniformes 1.<sup>º</sup>, 2.<sup>º</sup> e 3.<sup>º</sup> com capa de brim branco, ficando o gorro para uso exclusivo dos officiaes, quando a passeio.

Com esta substituição tornar-se-ia desnecessaria na mobilisaçao, a substituição do gorro de pala pelo chapéu de feltro.

As tunicas de brim e flanella kaki deverão ter a golla deitada.

As nossas polainas, com a sua série interminavel de fivelas, muito deixam a desejar, a sua substituição por outras mais faciles de calçar, impõe-se.

As nossas botinas inteiriças, são o que ha de mais ante-esthetico e incommodo, não ajustando convenientemente o peito do pé, permittem um forte atrito, occasionando a formação de empóllas no calcanhar e nas partes anterior-inferior do pé, cousa quasi unica do retardamento nas marchas.

Um burziguim com 3 pares de ilhos e 2 pares de ganchos, satisfaria perfeitamente.

O equipamento do nosso infante apresenta defeitos, sendo os principaes a ligação dos suspensorios com as cartucheiras, dando em resultado desprenderm-se os mesmos dos encaixes, quasi sempre que o soldado deita-se, e o uso das cartucheiras.

Na posição de *deitado*, o normal para o combate, o soldado sente-se incommodado e esgottada a munição da cartucheira direita, o uso da existente na da esquerda é difficil.

Equipado a meia marcha, com 90 cartuchos nas cartucheiras, a marcha torna-se quasi impossivel, por escorregar o cinturão na frente, occasionando forte pressão e atrito no baixo ventre.

Uma bolsa de couro a tiracollo da esquerda para a direita, resolveria o problema.

E' necessário a adaptação de um equipamento para oficial, nada ha reglamentado neste sentido, possuimos um talim para espada, usado por baixo da tunica, um antigo porta-revolver com um cinturão de couro não regulamentar, por cima da tunica, uma bolsa, o capote a tiracollo e mais nada.

Creio que resolvemos o problema com um cinturão de couro-amarello com 0,05m de largura, usado por cima da tunica, nos uniformes de campanha, nelle suspensos á direita o cantil e uma bolsa de couro amarello, tendo interiormente um alojamento apropriado aos carregadores da pistola, e a esquerda a espada e a pistola.

Para suprimir o excessivo peso do equipamento sobre a cintura, seria o cinturão por sua vez suspenso aos hombros por um suspensorio de couro 0,03m de largura, correndo paralelamente na frente e cruzado nas costas.

Sobre o suspensorio e proximo á cintura, 2 cor-

reias com fivela, para manter em malado o capote ás costas.

O binocolo seria levado a tiracollo.

**Miguel de Castro Ayres**

1.<sup>º</sup> T. do 3.<sup>º</sup> Reg de Inf.

Este artigo está em nosso poder desde Dezembro p. p., sempre preferido por falta de espaço.

*N. da R.*

## Artilleria pesada de campanha

Este assumpto escolhido pelo nosso companheiro, 1.<sup>º</sup> Tenente Pompéo Cavalcante, no ultimo artigo da sua secção "Questões de artilharia," encontra muito a propósito uma feliz corroboração no N.<sup>º</sup> 24—1914 do M. W. Bl. Extrahimos do artigo intitulado "A futura artilharia pesada na França," o seguinte trecho interessante:

«Como se julga actualmente nos círculos artilheiros franceses a situação da arma (a artilharia de campanha) deprehende-se muito nitidamente d'uma serie de trabalhos publicados na imprensa pelo conhecido escriptor general Maitrot. Fazendo as mais francas censuras aos responsaveis da administração militar, por negligenciarem a artilharia de campanha, elle descreve com as mais negras cores a situação do armamento francez. O general Maitrot é partidário decidido da artilharia pesada de campanha, e n'um dos artigos expôz o seu projecto da futura artilharia pesada. Diz elle: Que seria preciso para habilitar um corpo de exercito francez, no ponto de vista artilheristico, para lutar contra um corpo de exercito allemão? Dar-lhe obuzes de grande calibre que enfrentem os allemães de 15cm e canhões de grande alcance, a oppôr aos allemães de 10cm<sup>5</sup>. Depois de expôr que a industria nacional pôde fornecer esse armamento e de registar a suposição corrente de que esteja feita uma encomenda, continua elle: Assim seja! Mas quanto antes para que a insuperável burocacia não venha burlar essa medida de salvação. De salvação, sim, porque é urgente!

«O general Maitrot propõe para um c. ex. francês um grupo de 3 baterias de 4 peças de obuzes pesados para cada divisão, e um grupo de 3 baterias de 4 peças de canhões pesados para o c. ex.

«Prevendo que os adversarios d'esse armamento perguntarão, com seu falso zelo economico, a quanto montará seu custo, responde o general: ao certo não o sei, mas sem duvida muito menos que os 25 bilhões que nos hão de exigir os Allemães se nos vencerem na proxima guerra.»

Essas considerações applicam-se perfeitamente á nossa artilharia de campanha. Está reconhecido que a verdadeira solução do principio da tactica da artilharia que reclama a destruição da artilharia inimiga, está no emprego, não de contrabaterias, mas da contrartilharia (obuzes leves e pesados de campanha, canhões de longo alcance), e evidentemente é impressionável dispor de peças de longo alcance deante de um inimigo que as possúa..

Pensamos que a nossa artilharia de campanha precisa de uma bateria pesada para cada brigada, assim como que receba o caracter de permanente a excelente criação provisória de um grupo de duas baterias de obuzeiros leves para cada brigada.

A' inevitável objecção do custo d'esse acréscimo de armamento, parodiemos a resposta de Maitrot: Qualquer que seja a despesa a fazer será sem duvida muito inferior á indemnisação que de nós hão de exi-

gir os Argentinos si nos vencerem na proxima guerra — o que é mathematicamente certo si a nossa alta administração continuar negligenciando esta e muitas outras urgentes medidas de salvação. Desde a Editorial do primeiro numero d'esta revista enunciámos o facto: „E' hoje uma convicção generalizada tanto no mundo militar como no mundo civil, que o Exercito actual não corresponde absolutamente ás nossas necessidades, e que o paiz está completamente indefeso.

Ahi está, como então dissemos, o nosso ponto de partida; temos tratado de fundamental-o parcelladamente e assim continuaremos toda vez que nos proporcionar ensejo uma questão de detalhe, como esta da artilharia pesada de campanha — em que pése aos que acoimem a nossa acção de impatriotica, aos sectarios do silencio da impatriotica cleptomania de nossas mazellas, partidarios, inconscientes ou hypocritas, do fementido *ar chi-prêt*.

*Hilinger.*

**Uma das muitas economias** proveitosas que se pódem fazer no exercito. Extrahimos do Memorial do Estado Maior do Exercito Chileno, o artigo do Sr. capitán Palacios Hurtado, por ter inteira applicabilidade ao nosso exercito.

\* \* \*

A questão económica é actualmente um dos mais graves problemas que affectam á parte vital da instituição militar, a tropa, que é a base de todo o seu funcionamento. Por isso, creio cumprir um dever profissional diri-gindo-me por meio deste orgão oficial de publicidade a quem competir, para expor uma forma pela qual poder-se-ia conseguir uma consideravel economia nos gastos annuaes do orçamento da guerra, sem prejuizo do bom serviço que, ao contrario, seria consideravelmente melhorado.

Em todas as repartições militares, desde a mais alta categoria no Ministerio da Guerra até ás mais modestas nos corpos de tropa, existe uma consideravel quantidade de escreventes e ordenanças assimilados aos graduados e soldados simples que desfrutam os soldos e gratificações pela lei concedidos a taes postos. Muitos desses empregos são preenchidos ocupando vagas pertencentes ás companhias, esquadrões e baterias, com grave prejuizo do funcionamento correcto d'essas unidades, quer em seu regimen interno quer em sua instrucção.

Si não posso apresentar o numero exacto de gente e soldos empregados n'esse serviço, no Ministerio, Estado Maior, Departamentos, Commandos de Divisões, de Brigadas, Escolas, etc., etc. é facto que esse numero e gasto são muito consideraveis, como já é publico e notorio.

A medida que proponho não é minha, é

do sistema vigente no exercito argentino e considero-a muito boa e applicável a nós outros.

Dever-se-hia aproveitar a lei do serviço militar obrigatorio para preencher todas essas vagas de escreventes que não são do quadro dos corpos de tropa e que devem servir nas repartições de qualquer cathegoria. Para isso seria organisada uma « Companhia de Archivistas Militares » com um effectivo igual ao numero exacto dos empregados em questão, necessarios ao exercito. Esta companhia dependeria do Ministerio da Guerra (Departamento Geral da Guerra) e ficaria a cargo de um official e dois inferiores effectivos do exercito,

A tropa da companhia seria constituída de conscriptos seleccionados nos contingentes annuaes, procedendo-se da seguinte forma para sua chamada.

Dois meses antes da data indicada para a apresentação dos contingentes nos quarteis, e antes de efectuar-se o sorteio, seriam chama-dos a concurso os cidadãos da classe annual que desejassem servir na Companhia de Archivistas militares.

Para a admissão exigir-se-ia :

a) ser empregado de escripta de repartição fiscal, commercial ou industrial, com um anno de pratica pelo menos,

b) saber escrever á machina, facilidade de redacção, boa letra e orthographia,

c) comprovar boa conducta.

O Departamento Geral da Guerra receberia os requerimentos e escolheria os melhores candidatos até completar o numero de vagas, e notificaria aos escolhidos o dia, logar e hora de sua apresentação.

O serviço militar dos archivistas começaria um mez antes da epoca fixada para o aquartelamento dos outros conscriptos. Esse mez seria destinado á instrucção militar que se limitaria ao ensino da continencia, maneira de usar o uniforme, de falar com um superior, leis penaes e organisação do exercito, etc. Findo o mez, isto é, a 1.º de Abril teria lugar a revista dessa instrucção e os archivistas seriam distribuidos pelas repartições militares segundo o plano organizado pelo Departamento, de acordo com as necessidades de cada uma.

Os archivistas usariam o uniforme da infantaria, com um distintivo; aos sabbados e domingos ficariam á disposição de seus ins-

tructores para a recapitulação da instrucção, revista do fardamento, etc.

O commandante da Companhia teria acção disciplinar sobre seu pessoal durante todo o tempo de serviço, e os que se tornassem passíveis de pena seriam postos á sua disposição para a correcção do caso.

Chamo a attenção para o facto de que os archivistas se apresentariam como candidatos antes do sorteio dos conscriptos, com o fim de eliminá-los d'ahi e assim não enfraquecer o numero dos destinados ao serviço da tropa. A criação dessa Companhia não occasionaria outro gasto especial sinão a distração de 1 official e 2 ou 3 inferiores para a instrucção. Não seria preciso um quartel, pois ella reunir-se-ia nos quartéis da tropa da guarnição ou em qualquer edificio militar, onde só permaneeria durante o mez de instrucção.

Uma vez recebido o vestuario da Companhia, cada um conserva-o-ia durante o anno.

A economia resultante para a Fazenda Nacional consiste na diferença do soldo que hoje é pago como de inferiores a um numeroso pessoal, que assim passaria a vencer como simples praças.

Por outro lado, o serviço das repartições também lucraria, recebendo um pessoal competente e conhecedor do officio.

Não ha duvida que os candidatos se apresentariam numerosos, pois certamente os que possuem os requisitos estabelecidos preferirão pagar assim o seu tributo militar, a fazer o pesado serviço na fileira. E as exigencias da inspecção medica d'esse pessoal poderiam ser muito reduzidas, limitando-se a excluir os que tivessem molestia contagiosa.

O sistema actual de escreventes é bastante conhecido por seus defeitos; a maior parte dos que acodem ao seu serviço fazem-n'o para fugir do serviço na fileira. E é então justo que a essa gente se paguem os bons soldos de que hoje gosam, com prejuizo do Estado?

\* \* \*

Para o exercito brasileiro, infelizmente, essa optima solução, intelligente processo de tirar mais um partido do serviço militar obrigatorio, não pôde por ora ser objecto de cogitação por isso mesmo que não se quer executar a lei primordial para dar ao Exercito o caracter verdadeiramente nacional. Mas o mal atacado pelo illustre capitão chileno, no trabalho supra, existe no Brazil e com aggravantes absolutamente incompatíveis com a hygiene profissional de um exercito.

Diz o artigo 125 da lei n. 1860 de 1908:

«É criado um quadro de inferiores encarregados dos trabalhos de escripta nas diversas repartições militares, a juizo do Governo. Estes sargentos, depois de permanecerem dois annos no quadro de amanuenses concorrerão para o quadro de officiaes de reserva.»

Esta historia de « officiaes de reserva » não deve ser simplesmente um mero chamariz para enguiçar os amanuenses, é com certeza uma verdadeira necessidade do Exercito. Ora, não é nas incruentas operações plumíferas, nas diversas repartições onde « *ao meio dia ainda não se está, e ás trez horas já não mais se está* » que os amanuenses hão de se adextrar para os serviços que a Patria lhes pedirá em caso de guerra, caso unico em que elles virão mostrar para quê fim são officiaes de reserva. Está pois subentendido que para esse quadro de amanuenses só devem entrar os inferiores que tenham longo tirocinio na tropa — como já escrevemos nas paginas d'esta revista. (N.º 4 pag. 136 « Os inferiores do exercito prussiano ».)

O juizo do Governo para o qual appellou a citada lei, no referido artigo 125 manifestou-se n'um decreto de 18. 11. 09, regulamentando a organisação do quadro de amanuenses. É sabido que o efectivo ahi fixado está excedido em muito: talvez não haja uma bateria, um esquadrão ou uma companhia que não se ache desfalcada de um inferior para auxiliar de escripta cá ou lá. A psychologia desse caso está fiel e brillantemente traçada no artigo do Sr. Tenente Taborda, do nosso N.º 6.

Estes homens só servem para figurar nos «papeis» da bateria, etc., e só aparecem no principio do mez para o recebimento dos vencimentos, e tambem — supremo ridículo — quando ha uma rigorosa promptidão!

Repetindo, pois, a pergunta do Sr. Cap. Palacios Hurtado: É justo que essa gente com o actual processo de recrutamento do quadro de amanuenses e dos excedentes viva na maxima commodidade que desfrutam, com as regalias e direitos que lhes outorgou a praxe e a lei, e os bons vencimentos que ora recebem, em detrimento dos interesses do Exercito?

Ahi está um serio problema a resolver, mesmo sem esperar pelo sonhado serviço militar obrigatorio.

*Klinger.*



**Os sucessos de Zabern** A propósito desse caso escreveu a *France militaire* um artigo d'onde extrahimos o seguinte:

... Que quer que se possa pensar do papel representado pelo coronel von Reuter nos dias de Novembro — e eu penso que poucos officiaes franceses têm da defesa de sua honra militar e de seu uniforme uma concepção tão prussiana — não ha ninguem entre nós que não tenha se impressionado com o seu depoimento.

Eu não tenho nenhuma dificuldade em acreditar que o coronel von Reuter havia de fazer grande figura de chefe exprimindo-se assim:

Eu entendo de assumir, eu só, toda a responsabilidade dos actos commettidos em Saverne... Eu reivindico toda a responsabilidade das ordens que dei... Tudo experimentei com os meus tenentes. Hoje um d'elles é accusado a meu lado : eu entendo de cobri-lo inteiramente.»

Eis o que é falar, e não haverá um militar que me contradiga, se eu afirmo que chefes desta tempora, a gente lhes segue com efeito a onde quer que nos conduzam.

O coronel von Reuter é evidentemente um carácter.

Quantos chefes conheci eu que deante de responsabilidades infinitamente menos graves se «desenfiavam» sem vergonha.

*Eu penso que se todos os coronéis do exército alemão têm neste grau «o animo das responsabilidades, essa condição primeira da iniciativa», o exército alemão está bem comandado.*

E' preciso que este gesto não passe despercebido deste lado do Rheno, nem o do coronel Waldersee, chefe do estado-maior do 15.º Corpo de Exercito, indo, ao cabo dos debates, apertar a mão ao coronel von Reuter.

O animo da responsabilidade é a pedra de toque do commando.

*Klinger.*

## Serviço de sapa em campanha para todas as armas

(Traduzido, a pedido, do regulamento alleinão Feld Pionier dicust alter Waffen de 12. 12. 1911).

Klinger.

### INTRODUCÇÃO

1. Na guerra apresentam-se ás tropas de todas as armas, no ataque ou na defesa, em marcha ou no repouso, problemas que só poderão resolver si estivé-

rem perfeitamente instruidas no serviço de sapadores em campanha.

2. Os principaes d'esses problemas são :

para *todas as armas* : melhoramentos expeditos de caminhos, passagem de cursos d'água com recursos improvisados, passagem por meio de bateis, balsas, desembarque de caminhos de ferro em plena via (construção de rampas expeditas), preparo de bivaques e acampamentos;

além d'issso, para a *infantaria* : barragem de vias publicas (estradas, linhas ferreas), interrupção de linhas telegraphicas ou telephonicas, perturbação do tráfego nas estações de caminho de ferro, fortificação de campanha, transposição de obstaculos naturaes e artificiais;

para a *cavallaria* : passagem de cursos d'água com o trem de pontes da cavallaria e cavallos a nado, destruições e barragens (emprego de explosivos) fortificações simples;

para as *metralhadoras* : passagem de cursos d'água com os cavalos a nado, fortificação de campanha.

para a *artilharia de campanha* : fortificação de campanha; para a artilharia a cavallo, tambem passagem de cursos d'água com os cavalos a nado;

para a *artilharia a pé* : fortificações de acordo com o respectivo regulamento;

para as *tropas de comunicações* : estabelecimento e interrupção de linhas de comunicações.

3. Os Sapadores devem estar na altura de todos os problemas do serviço de sapa em campanha: mas o seu rendimento só será maximo se forem empregados pelo commando da força, de acordo com a sua especialidade.

Os officiaes de todas as armas devem adquirir o conhecimento do serviço de sapa e do rendimento de trabalho dos sapadores.

Devem ser aproveitadas todas as occasões, taes como exercícios da tropa, idem de quadros, jogo da guerra, para a instrucção dos officiaes de acordo com este regulamento (S. S. C.)

4. A preparação e a execução dos serviços de sapa demandam tempo. E' importante que o commando reconheça a tempo a necessidade de taes trabalhos, inicie os respectivos reconhecimentos e trate da vinda ou requisição de ferramenta de sapa, material de pontes, materiaes de construção e meios de transporte.

Na ordem de marcha e nos repousos é preciso levar em conta a applicação provável dos Sapadores.

Tambem são necessarias providencias oportunas quando se houver de recorrer a trabalhadores civis, — em territorio inimigo requisições forçadas, em territorio patrio, segundo a Lei das requisições de guerra § 3.

5. Os officiaes de todas as armas incumbidos de executar um serviço de sapa devem ser capazes de vencer circunstancias difíceis, pelas suas ordens claras e praticas, pela vontade firme e pela severa fiscalisaçāo. Do seu bom senso e da sua influencia é que depende em primeira linha que as tropas resolvam inesperados problemas technicos, mesmo sem auxilio de Sapadores. Elles são responsaveis pelo estabelecimento das necessarias medidas de segurança contra accidentes, de acordo com as circunstancias, bem como pelas medidas de salvāo.

6. Os officiaes de Sapadores tem que organizar os projectos segundo as intenções do commando da tropa e apoiar as tropas na execução. Para isso é indispensavel o conhecimento da tactica e da capacida de de trabalho das outras armas.

7. Para o mais antigo dos officiaes de Sapadores é indispensavel a ligação permanente com o commando da tropa; por isso elle marcha no seu estado maior. Desde que a sua tropa entre em combate ou a importancia de uma missão technica o exija, seu lugár é junto á tropa.

8. As companhias de Sapadores, ou pelotões, devem ser, quanto possível, applicadas sem fraccionais, e são auxiliadas por fracções das tropas das outras armas, as quaes ficam sob as ordens de seus proprios officiaes. Só por excepção será feito o fraccionamento das unidades de Sapadores para disseminá-las pelas outras armas.

9. Cedo deve começar o exercicio das tropas no serviço de sapa em campanha.

Si pelas considerações da paz não se pôdem executar nos exercícios certos trabalhos de sapa, elles devem contudo ser preparados e esboçada a sua execução. Ahí é preciso evitar tudo quanto pela especie, tempo e meios empregados não corresponda á realidade, pois isso produziria uma illusão sobre o rendimento do trabalho da tropa e nutriria idéias erronéas sobre a utilidade do trabalho.

10. Os exercícios das armas combinadas, com Sapadores desenvolvem a cooperação tactica e technica para resolver problemas difficéis no combate de linhas iluviaes, posições fortificadas e fortalezas.

Taes exercícios proporcionam multiplas occasões de desenvolver a coragem e a decisão individuaes na tropa, fortalecer a força de vontade e o animo da responsabilidade nos officiaes.

Taes exercícios pôdem ser realizados nas proximidades das guarnições, nos campos de instrucção ou nas manobras.

### Abertura e melhoramento de caminhos Princípios geraes

11. Com a continuação do trafego, as fortes cargas (artilharia pesada, trens-automoveis militares de carga), e as condições meteorologicas desfavoraveis, mesmo as optimas estradas rapidamente se deterioram totalmente ou em parte, si lhes faltarem a inspecção e as reparações oportunas.

E' pois necessário providenciar para a conservação da rede de estradas, na execução dos grandes movimentos de exercito, tanto em offensiva como na retíada, bem como no combate de posições fortificadas de campanha e de fortalezas, e na zona de etapas; si necessário, devem ser reforçadas as pontes. Sobre a organização de um methodico Serviço de Inspecção de Estradas, em presença de praças fortes e na zona de etapas, vd. "Combate de Fortalezas" e "Regulamento de Etapas".

12. A reparação completa de estradas deterioradas custa muito tempo e trabalho.

As reparações de urgencia tem valor transitorio. Assim os trechos em mão estado, que não possam ser contornados, devem ser inspeccionados permanentemente enquanto a tropa os atravessa, e reparados em cada pausa da marcha.

As reparações inconvenientes peioram os caminhos.

Os obstaculos á marcha devem ser obviados antes da chegada da tropa.

A reconstrução de pontes destruidas, em geral, rouba muito tempo, mórmente se o estrado fica a grande altura da superficie livre da agua.

Por isso, em geral, a construcção de uma ponte nova resolve o problema muito mais rapidamente. (75).

13. Para o combate pôde ser necessário comple-

tar a rede de caminhos. Trata-se em geral de reconhecer rapidamente caminhos de columna para a marcha através dos campos, marcal-os e preparal-os.

A travessia de terrenos difficilmente praticáveis (pantanos, vegetação densa, despenhadeiros, obstaculos) exige amplas preparamentos. A travessia de largas zonas atoladiças na proximidade do inimigo exige medidas identicas ás da passagem de cursos d'agua por surpreza (69 etc.).

14. O leito das vias ferreas é em geral transitável para as tropas a pé, sem viaturas, e para cavaleiros avulsoes, mas para tropas montadas e viaturas são necessarios grandes trabalhos preparatorios, especialmente nas pontes, e só valem a pena, si os outros caminhos disponiveis forem insufficientes.

15. Todas as designações de caminhos devem ser claramente reconheciveis, mórmente á noite. As marcações deficientes podem causar enganos funestos. Nas grandes proporções é recommendavei a distribuição de cópias de croquis.

16. Mediante reconhecimentos ordenados a tempo deve ser determinado o estado dos caminhos, a extensão dos trabalhos necessarios, o necessário em materiaes de construcção (onde achal-os!), em recursos varios, em trabalhadores e em tempo.

Os officiaes de todas as armas devem ser exercitados no reconhecimento de caminhos, mesmo de noite, e ser capazes de avaliar exactamente os trabalhos necessarios de remoção e de reparação. E' necesario percorrer pessoalmente todo o caminho a pé ou a cavallo, e experimentar todas as passagens duvidosas (atoleiros, vãos).

### Execução

#### Caminhos de columna

#### Reconhecimento

17. Na escolha do caminho deve-se considerar: objectivo do caminho, ligação mais curta, desenfiamento ás vistas e ao fogo do inimigo, trechos utilizaveis de caminhos existentes, pontes, vãos e mais desfiladeiros, naturesa do solo e sua vegetação, declives a acclives, extensão dos trabalhos necessarios, tempo, trabalhadores e materiaes disponiveis.

18. Os recursos para a conservação da direcção do caminho são: carta, bussola, sol, estrellas, claridade de longinqua, altura, arvores, torres, etc. que se desfaquem contra o céo, lanternas (si necessarias, taes que não iluminem para o lado do inimigo).

19. Largura dos caminhos, para  
Infantaria em columna de marcha 3 a 4m  
Id., ficando espaço para transito de estafetas 4 a 5m

Id., para transito de ida e volta, ou para columna dupla de marcha 5 a 6m

Id., para columna de pelotão 28m  
Para viaturas, pelo menos 2,5m

Os desfiladeiros inevitaveis influem sobre a largura (frente) da columna de marcha.

20. A praticabilidade dos vãos—em geral reconheciveis pelos caminhos, ou signaes de rodas ou patas de animaes—depende do leito, profundidade e velocidade da corrente; esses dois elementos podem variar rapidamente com o estado atmospherico.

Sendo o leito favoravel e a correnteza fraca a profundidade pôde ser, para

Infantaria	até	1m
------------	-----	----

Cavallaria	"	1,3
------------	---	-----

Artilharia e metralhadoras	"	0,6
----------------------------	---	-----

Viaturas com carga insensivel á agua	"	1,3
--------------------------------------	---	-----

21. Epessura de gelo...  
 22. Exame de pontes : 143.  
 23. A participação sobre o resultado do reconhecimento deve ser acompanhada de croquis ou retalho de carta. O mais importante para o comando é: direção geral do caminho, largura mínima, trabalhado-



A fita branca (ou cordeis em que de onde em onde se prendem trapos brancos) quando estendida no chão precisa ser fixada com estaiquinhas ou grampos de arame distantes entre si de 20 a 25 m.

As laternas devem ser fixadas em tal altura que assegure sua visibilidade para as tropas amigas.

As veredas que cruzem o caminho, os caminhos ou rastros de viaturas que possam desencaminhar devem ser barrados com ramagens, pedras, fossos, etc.

26. As marcações são completadas por sentinelas orientadoras que se colocam nos pontos duvidosos e junto às lanternas e que informam sobre o caminho que vai ter ao posto seguinte de sentinella. Em circunstâncias mais difíceis essas sentinelas são duplas para que um dos homens sirva de guia até ao posto seguinte. Essas sentinelas só devem ser recolhidas por ordem expressa.

27. Para longa utilização os caminhos de columna devem ser providos de postes indicativos, que à noite são iluminados. Pode ser necessário iluminar à noite as pontes, vãos, e trechos difíceis do caminho, mediante fachos, fogueiras, combustores de óleo ou de gás, etc.

#### Preparação dos caminhos de columna

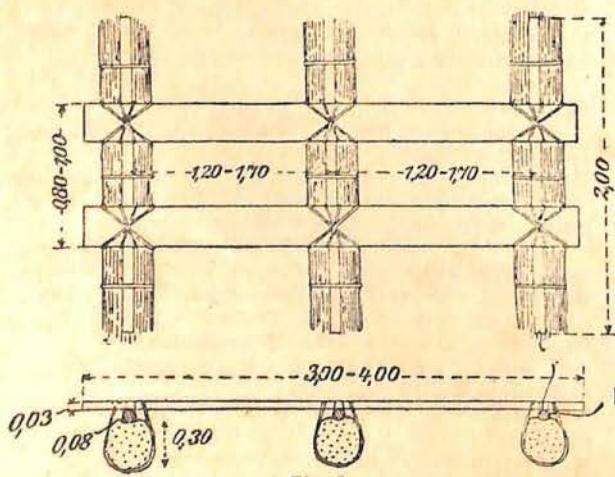
28. Aplana-se o caminho quanto possível, de mo-

res e tempo necessários. Além disso, interessa ao director dos trabalhos: número e situação dos pontos de serviço, natureza dos trabalhos, fontes de aquisição e meios de transporte dos materiais de construção.

#### Marcação dos caminhos de columna

24. Para marcar os caminhos de columna a utilizar de dia assignalam-se à tinta branca ou a giz, como nos caminhos de turistas, as arvores, ou postes, pedras, ou empregam-se taboletas, dobra de galhos, marcar as arvores a talho, prender pedaços de papel ou de trapo em arbustos ou no chão; pode-se também empregar montículos de pedra, sempre com a mesma forma. Se a marcação deve ser visível a grande distância empregam-se varas altas, prendendo em suas pontas mólhos de capim, palha ou ramagens, ou bani-deirolas. A marcação exige especial cuidado quando reina nevoeiro.

25. Para a marcação de caminhos a utilizar de noite o mais seguro é empregar fita branca ou lanternas. Às vezes prestam bons serviços a "côr phosphorescente" conduzida nos trens de sítio dos Sapadores.



Lance de ponte sobre feixes de palha, de fachinhas ou de varas. Empregando fachinhas ou varas é preciso colocar um dormiente sobre cada feixe.

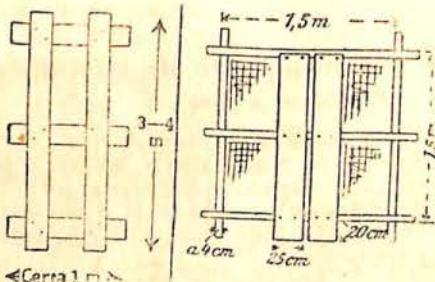


Fig. 3 - Taboleiro

As taboas do piso são salientes em um extremo, por onde se sobrepõe ao caixilho já colocado, deixando-se então o novo caixilho cair para a frente.

Fig. 4 - Caixilho com pano.

do que a tropa mesmo percorrendo-o de noite não encontre tropeços. Para isso é preciso fazer rampas nos trechos de desnívelamento forte, afastar as grandes moitas ou pedras perturbadoras. Os fossos arrazam-se ou enchem-se de terra, pedras, fachinhas ou troncos. Nos pontos atoladiços collocam-se taboas, portões, portões de madeira, fachinhas.

Nas cercas vivas, cercas mortas e muros rasga-se a passagem.

29. Os vãos devem ser delimitados por meio de varas, cordas estendidas em estacas, ou em corpos fluctuantes ancorados.

A corrente sendo forte é preciso dispor barcos de salvamento a jusante, e prender fortes cordas a montante, para corremão da infantaria.

As grandes pedras do leito devem ser retiradas, os poços entulhados, a entrada melhorada caso esteja em más condições. Passagem de vãos a cavalo: 477.

30. Travessia sobre gelo...

Dormiente 31. Melhoramentos de pontes : 144.

32. A preparação de caminhos de columna paratadas as armas em terrenos pantanosos, exige muito tempo, trabalho e materiais. Só é exequível como auxílio dos Sapadores.

#### Passagem de atoladiços com recursos expeditos

33. A infantaria sem cavalos pode transportar ter-

os atoladiços com arbustos, sem outros recursos fazendo fachinas a sabre e a marchadinho, nesses arbustos, e aproveitando essas fachinas para passar sobre elas de um trecho de terreno firme a outro. Havendo escadas e taboas a operação torna-se mais fácil.

34. A melhor maneira de transpor atoladiços em vegetação é empregar pinguelas de taboas, podendo empregar também o material do trem de pontes. Fig. 2.

Si a passagem tem que ser feita ás vistas do inimigo, é preciso apromptar as secções da pinguela em aberturas afastadas e transportá-las promptas ao lugar onde devem servir.

35. Não sendo o terreno muito molle também pode servir simples trilhos de taboas (figura 3), ou taboas sobre caixilhos de madeira forrados de fazenda (figura 4), ou portas, janelas de madeira, ou trilhos de tapete ou tecidos de arame sobre os quais se atraçam hastes de madeira que servem de dormentes e taboas (figura 5).

36. Para cavalos collocam-se dois a dois suportes como mostra a figura 6, e cobre-se-os com taboas como uma ponte. Essas taboas do estrado são usadas umas ás outras por duas taboas ou travessas pregadas perto dos topos.

#### Travessia de mattas

37. Para atravessar mattos de densa vegetação inferior, as columnas de infantaria abre caminho mais menos, da seguinte forma:

Um oficial com uma bussola vai á frente para

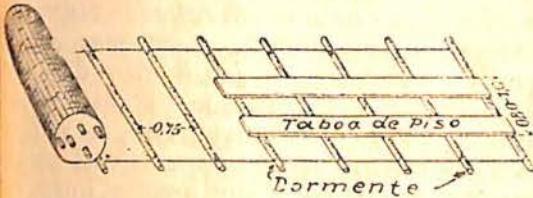


Fig. 5

Trilho de tapete com dormentes e com piso de taboas.

a direcção. Segue-lhe uma esquadra que vai derribando a machado e machadinha os arbustos maiores, ou somente dobrando-os. Outra esquadra segue a 10-20 passos completando a derrubada a machadinha e a facão, e retirando os troncos mais fortes tubados pela 1.ª esquadra. Uma 3.ª esquadra limpa o caminho. Tudo continua na marcha para a frente.

38. Na derrubada destinada a dar passagem á infantaria trabalham varias turmas em distâncias convenientes, cada turma que acaba o serviço passa a trabalhar adeante da turma mais avançada. Nas arvores grossas desvia-se o caminho; sendo impossível derrubar-as, o corte é feito bem junto ao chão.

#### Melhoramento de caminhos

39. Deve-se respeitar tanto quanto possível a superfície livre do caminho, enquanto satisfizer ás necessidades do transito. Cavar ou cortar pequenos desnívelamentos é em geral mais prejudicial que vantajoso. É sempre importante a preparação do escoamento das águas para os lados. Os trechos amolecidos ou agua estagnada seccam melhor desobstruindo-se aprofundando-se as vallas lateraes. As vezes será preciso crear taes vallas.

40. Os poços fundos no trilho das viaturas fazem-se desaparecer, si o leito da estrada é duro, arrasan-do as bordas, si é molle retirando primeiro a agua

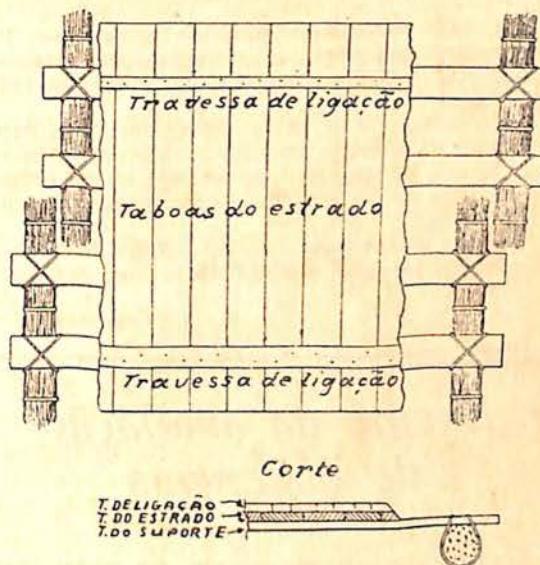


Fig. 6

Ponte para cavalos.

empoçada e a lama e depois entulhando com pedras, cascalhos, páos ou fachinas, nunca com terra. O entulho não deve ser tirado de partes intactas do caminho.

Os buracos secos tratam-se da mesma forma ou cobrindo-os de taboas, pranchas, portas, etc.

É muito recommendável o emprego de duas ordens de pranchas, com intervallo igual á largura da via, especialmente em caminhos argilosos muito amolecidos.

41. Para os caminhos ingremes, sem patamares, é preciso empregar calços de madeira.

#### Preparo dos caminhos de ferro para a marcha

42. Para as tropas a pé só são necessários trabalhos preparatórios quando a linha está sobre pedra britada de arestas vivas e não ha caminhos aos lados. Cobrindo as pedras com terra excavada dos lados, o caminho fica praticável mesmo para a cavalaria. Mas essas excavações lateraes não devem ser profundas, sob pena de por em risco o tráfego dos trens. O preparo da linha por meio de pranchas ou de taboas, (figuras 7 e 8) torna-a praticável para

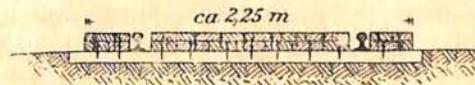


Fig. 7

Revestimento da via ferrea sobre calçamento. Ordem dupla de pranchões, paralelos aos trilhos, pregados sobre os dormentes. Não impede o tráfego ferro-viário.



Fig. 8

Revestimento n'uma ponte. Taboas atravessadas sobre os trilhos, como um estrado de ponte, e supportadas por longarinas. Tráfego fica interrompido.

todas as armas, mas demanda muito tempo e material.

#### Caminhos para automoveis

43. Os automoveis de transporte de pessoas podem percorrer em pequenas distancias os caminhos communs de rodagem, contanto que não sejam muito accidentados.

Os automoveis de carga, especialmente os trans-automoveis do exercito têm que se adstringir ás estradas firmes. A largura deve ser pelo menos 2<sup>m</sup>,5 e 5 nos pontos de desvio, para o cruzamento em sentidos oppostos.

Pressão maxima por eixo 7 T. Antes de servir-se das pontes é preciso examinar sua resistencia (143).

(Continua)

## Ensino da avaliação de distancias

### 2. Gravação na memoria da grandeza de certas extensões, como medida para as avaliações.

21 — Quanto mais frequentemente se puser o avaliador na situação de poder gravar na memoria a grandeza de certas extensões, observadas em circumstancias variadas de tempo, de luz e de terreno, tanto maior segurança alcançará elle na determinação das distancias, pela applicação dessas grandezas, retidas como medidas, á extensão a avaliar.

#### Grandeza das medidas

22. Ha a considerar duas especies de medidas: as *pequenas medidas*, de 150 a 300 metros e que todos os homens devem possuir com segurança (R. T. I. 187) e as *grandes medidas*. Para estas são mais apropriadas as distancias de 400, 500, 600, 800, 1000 e 1200 metros. As extensões mais importantes são as que vão até 600<sup>m</sup> das quaes se deve reter na vista, como particularmente importantes, as de 300 e 600 metros. As extensões de 150 e 300 metros tornam-se especialmente conhecidas nos tiros de instrucção; as de 800, 1000 e 1200<sup>m</sup> obtém-se pelo dobro das distancias de 400, 500 e 600 metros.

#### Gravação das medidas na memoria. Estações para esses exercícios.

23 — A gravação das medidas na memoria pode ser feita por dois caminhos diversos: durante as horas de exercícios no campo de instrucção ou em terreno variado; e nas

estações permanentes organisadas para tal e estabelecidas de preferencia nas proximidades da caserna, nas praças de exercícios nos pontos de passagem obrigada da tropa.

24 — A gravação de medidas durante horas de exercícios executa-se com facilidade fazendo um sargento, com alguns homens, signalar no terreno as diversas extensões marcada uma extremidade — o ponto de observação — por meio de uma estaca e outra, por bandeiras ou alvos. As distancias neste caso são medidas geralmente com o lemetro e só em caso de necessidade e terreno plano determinadas por meio de cordão ou por passos.

25 — Afim de offerecer aos sargentos soldados occasião de se exercitarem com frequencia na gravação de medidas, sem que seja preciso organizar exercícios especiaes, commenda-se o estabelecimento de estações permanentes para observação de taes extensões em grande numero e de preferencia em pontos elevados do terreno. O ponto inicial das medidas assignala-se por meio de uma estaca forte, ou moirão, encimada por uma taboa onde se indica a extensão das medidas e pontos terminaes das mesmas; por exemplo: *arvore isolada no alto da colina = 600m*. Pode-se empregar sómente as medidas das mensões expressas acima, e não distancias intermediarias entre quaequer d'ellas, do contrario crescem consideravelmente as dificuldades em refel-as na memoria, o que conduta a erros e confusões. Como pontos finais das estações, podem-se escolher arvores isoladas, casas, cristas de colinas, muros, cercas, etc., e onde faltarem esses objectos, os pontos serão indicados por meio de caibros, estacas, dras grandes, por taboas enfincadas no chão ou por alvos figurativos de madeira, de vários tamanhos e solidamente presos ao solo. Facilita-se a instalação das estações entrando em acordo com os proprietarios das vizinhanças do ponto escolhido para sua sede. Sempre que houver dificuldade em achar ponto final de uma medida, assignala-se a direcção no terreno por meio de uma ou mais estacas.

26 — No estabelecimento destas estações permanentes, assim como na gravação das medidas feita durante a instrucção na praça de exercícios, deve-se, o quanto possível, var em consideração a situação do ponto de vista, porque quanto mais variado for o terreno, mais proveitosos resultam os exercícios. Além disso, deve-se tambem escolher terrenos em que certas partes não sejam visíveis.

27. Algumas das extensões devem ser assinaladas no terreno de modo que a vista apprehenda ao mesmo tempo duas distancias iguaes ou differentes, uma em seguimento á outra; assim se consegue, pela comparação dessas medidas, iguaes ou differentes, mas collocadas em seguida uma á outra, elevar a segurança requerida na avaliação das distancias, tanto para determinar um ponto que fique no meio da extensão que liga dois outros, como para differençar a grandeza de duas extensões, situadas na mesma direcção. Sobre a taboleta da estação deve-se, então, escrever, por exemplo: *pequena elevação, á esquerda do canto da cerca = 400.<sup>m</sup>* *Dobro, até á casa branca = 800.<sup>m</sup>* Ou por exemplo: *alvo corpo inteiro = 400.<sup>m</sup>* *Prolongamento até ao mastro = 300.<sup>m</sup>*

28. Convém ainda lembrar que na locaçāo dessas extensões pouco importa que seus pontos terminaes, sobretudo nas medias e nas grandes distancias, fiquem alguns metros aquem ou além de onde deviam ficar.

### Prescrições sobre os exercícios de gravação de distancias como medidas

29. Estes exercícios devem ter lugar de preferencia durante todo o anno de instrucçāo, afim de que os officiaes, sargentos e soldados encontrem constantemente occasião de educar a vista na contemplação de determinadas distancias, cuja grandeza devem reter na memoria. No começo do anno de instrucçāo não convém demorar muito nos exercícios de gravar na memoria as pequenas medidas; deve-se em breve passar ás grandes medidas, ás extensões contendo o duplo de uma medida e, por fim, á determinação de duas extensões de grandezas diferentes mas uma em seguida á outra.

30. Todos os exercícios de gravação de medidas na memoria devem ser feitos, em regra geral, de pé, de joelho e deitado, e o mais possivel em circumstancias variaveis de luz, contra differentes alvos e sobre terrenos variados. Durante os exercícios lembra-se aos homens as circumstancias que influem na avaliação das distancias, tal como vêm prescritas nos numeros 12 a 19.

### Verificação da habilidade adquirida na gravação das medidas na memoria

31. É de toda a conveniencia proceder-se a um exame da habilidade adquirida pelos

homens na gravação das pequenas medidas — de 150 a 300 metros; para isso fazem-se os homens caminhar n'uma direcção até ao ponto que julgarem estar a distancia pedida, ou indicarem no terreno um ponto que julguem situado a 150 ou 300 metros do local da observação. Os resultados assim obtidos devem ser verificados por medidas posteriores ou por determinações feitas com antecedencia, mas conhecidas sómente do instructor. Esta forma de exame só deve ser empregada para pequenas fracções, pois exige o dispendio de muito tempo.

32. Posteriormente far-se-á então outro exame, mas este em terreno variado e o mais possivel sob condições de luz differentes, afim de avaliar até que ponto os homens gravaram na memoria as medidas de 150, 300, 400, 500, 600, 800, 1000 e 1200 metros; pode-se tambem propor distancias obtidas pelo duplo das medidas de 150 a 600, ou por duas extensões differentes, mas em seguimento uma da outra. Os pontos finaes, assim como os intermedios, de cada uma das extensões, são marcados por bandeiras ou por alvos figurativos, que a um signal convencionado apparecem ou se occultam. Desde que uma extensão se torna visivel, pelo apparecimento do alvo, os homens registram sua grandeza nos cadernos de avaliação de distancia (annexos 1 e 3). Uma comparação posterior desses resultados com as distancias verdadeiras, fornece os meios de apreciar a segurança alcançada pelos homens na determinação das extensões consideradas medidas a applicar nas avaliações.

### 3. Instrucción práctica no terreno sobre os diferentes processos de avaliação de distancias.

#### Prescrições e execução

33. Por meio de exemplos elucidativos ensina-se aos homens, no terreno, qual dos processos de avaliação, abaixo especificados, elles deverão empregar com mais vantagem, em cada caso particular. Nos exercícios deve-se tratar de todos os processos. A escolha do processo a adoptar deve ser feita estando o homem deitado.

34. Para exprimir as distancias em numeros redondos, pôdem-se completar até uma dezena as inferiores a 1000 metros e até 50.<sup>m</sup> as superiores a esse numero. Pôde-se todavia arredondar até 50.<sup>m</sup> as distancias inferiores a 1000 metros e com isso se facilita muito a instrucçāo, fazendo de resto coincidir as avaliações com a graduação da alça. A preoccu-

pação de querer determinar uma distancia precisamente, sómente por uma avaliação, deve ser posta de lado. O arredondamento das distancias avaliadas por meio de numeros que perfaçam 50 metros, tem ainda a vantagem de simplificar os calculos.

### Processo de avaliação das distancias em linha recta até ao alvo.

35. Nos casos reaes trata-se, em regra, de avaliar o mais depressa possível uma distancia em linha recta até ao alvo. Deve-se por isso exercitar continuamente esta especie de avaliação, afim de habituar desde cedo os homens a fazerem avaliações rapidas.

Os processos empregados para isso são os seguintes:

#### a) *Applcação de uma das medidas retidas na memoria sobre a distancia a avaliar.*

36. O avaliador procura ver qual a maior das medidas retidas na memoria que cabe na distancia a avaliar e examina se o ponto terminal da medida cabe mais ou menos no fim da distancia, ou aquem, e neste caso em quanto se pôde avaliar essa distancia restante. Baseado neste resultado faz a avaliação de toda a distancia.

Este processo de avaliação é o que conduz com mais rapidez a um resultado satisfactorio, mas exige uma certa segurança no emprego das medidas. Elle é recommendedo, por isso, para os casos reaes e sempre que se queira uma avaliação rapida. Deve, portanto, ser o objectivo da instrucção.

#### b) *Verificação da maior medida que se pôde conter na distancia a avaliar e da menor das que a excedem. A média das duas medidas representa a distancia avaliada.*

37. Este processo de avaliação é tambem apropriado para o combate e pôde dondizar, com relativa rapidez, a um bom resultado.

#### c) *Applcação de uma medida, que se tem na memoria, sobre a primeira metade da distancia a avaliar.*

38. O avaliador investiga se ha um ponto do terreno proximo do meio da distancia a avaliar e que a dvida em duas partes sensivelmente iguaes. Após isso, elle procura aplicar sobre a primeira metade da distancia a maior medida que nella se contenha e verifica se seu ponto final coincide com o extremo dessa primeira metade, ou quanto ainda pôde faltar para que elle seja attingido. Baseado nessas investigações elle determina a distancia até á metade, e pelo dobro do numero assim obtido tem a avaliação de toda a distancia.

Este processo deve ser empregado no começo da instrucção, quando os homens não tenham ainda gravado na memoria as grandes medidas. A precisão das avaliações assim obtidas depende consideravelmente do rigor com que se determina o ponto médio da distancia, operação que muitas vezes não é facil.

#### d) *Applcação de duas medidas designaes sobre a distancia a avaliar.*

39. Este processo é empregado com vantagem no começo da instrucção, quando os homens ainda não gravaram na memoria as grandes medidas, mas é especialmente apropriado aos casos em que a distancia a avaliar é devidida em duas partes designaes por um ponto notavel do terreno. O avaliador procura verificar, para cada uma das partes, separadamente, qual a maior medida que nellas pode caber e examina se o ponto terminal da medida cabe mais ou menos no ponto final de cada uma das partes da distancia, ou quanto delles ainda pôde estar afastado; determina para cada uma, separadamente, sua extensão e pela somma tem a avaliação de toda a distancia.

### Avaliação de uma distancia situada numa direcção obliqua em relação ao observador.

40. Ao lado da avaliação numa direcção rectilinea passando pelo avaliador, recommenda-se para a cavallaria, para officiaes e sargentos, fazer exercícios especiaes de determinação de distancias em direcção obliqua.

O objectivo desses exercícios é o seguinte:

41. Uma posição está ocupada pelo inimigo. Si se sabe a extensão de sua frente, pode-se concluir qual é a força da unidade que a occupa.

42. Ha um intervalo vasio na frente de combate que é preciso guarnecer, ou uma posição a ocupar. Si se conhece a extensão da frente sabe-se quanta tropa neste caso ahí se tem a empenhar.

43. Um chefe de patrulha percebe uma columna inimiga em marcha. Si elle avaliou bem sua extensão, calcula-se com facilidade qual seu effectivo.

44. Os signaes de reconhecimento dos pontos terminaes das distancias situadas obliquamente, podem ser representados por bandeiras alvos ou homens.

45. Como exercícios preparatorios devem-se gravar na memoria medidas de distancias situadas obliquamente; os processos de ava-

são semelhantes aos já vistos para direcções passando pelo avaliador.

### Mais alguns processos de avaliação de distancias.

46. A avaliação de uma distancia correndo paralelamente e ao lado do avaliador, não é conforme ás exigencias da guerra.

47. A avaliação pelo tempo dispendido na marcha, conduz facilmente a resultados falsos.

48. A avaliação pelo numero de passos dados por um homem, não tem valor na guerra e tornou-se superflua depois da adohção dos telemetros de campanha. Só em casos excepcionaes pode ser empregada.

49. A avaliação pelo passo do cavallo só pode ser empregada quando se dispõe de tempo e em occasões favoraveis.

50. A avaliação por meio do tiro de alça é possivel quando a isso não se opõem razões tacticas ou technicas. Deve ser empregada com frequencia nos exercícios de tiro collectivo no tempo de paz. Num caso real faltam, as mais das vezes, essas condições fundamentaes.

51. Avaliação pela medida na carta; requer que esta esteja numa escala grande e o emprego do compasso. É preciso determinar com precisão o ponto em que se acha o avaliador, o que é quasi sempre difficult.

52. Perguntando na artilharia ou nas metralhadoras; é raramente possivel em combate. As posições dos pontos de impacto das diferentes armas, devido á diversidade dos angulos de vibração, não se conservam sempre accordes.

53. Ha ainda outros processos mas que se não empregam na guerra, taes como: velocidade do som, percepção de certos distintivos do inimigo, tamanho do ponto de mira ou do dedo pollegar, em relação a grandeza apparente de certos alvos.

(Continúa)

**E. Leitão de Carvalho**  
1.º Tenente

## Raid de longo percurso

para patrulhas de cavallaria, organizado no 17 Regimento Japonez, em 1911<sup>(1)</sup>

Relatorio apresentado pelo commandante do regimento, ao Ministro da Guerra do Japão.

Em nosso regimento, estacionado outrora na Coréa, só houve um concurso de patrulhas a grande distancia.

Afim de colher mais vastos ensinamentos no domínio que nos occupa, foi que organismos no regimento, em começo de Julho deste anno, um raid de longo percurso, com cavallos treinados, para se realizar na parte norte de Ichigo (2) n'uma extensão approximada de 400 kilometros.

Tomaram parte neste concurso seis patrulhas de sétē cavalleiros cada uma, tanto officiaes como praças.

O general de divisão Nagaoka seguiu as phases desta cavalgada com grande interesse e, no fim da prova, presidio á distribuição dos premios. Além disso, elle convidou para sua mesa os que haviam tomado parte no concurso, honra de que todos se recordarão sempre com emoção.

Devemos, enfim, calorosos agradecimentos ao general-major Serisava e aos officiaes do 16º Regimento de infantaria que, na passagem por Shibata, saudaram os cavalleiros que participaram do raid.

### Fim, organisação e itinerario

Até ao presente, afim de poupar os homens e os cavallos, não se havia organizado, ao menos que eu saiba, raid de longo percurso durante os grandes calores. Desta vez escolhemos intencionalmente este periodo, para oferecer aos jovens officiaes e aos soldados, occasião de colherem os desejados ensinamentos sobre uma cavalgada effectuada em condições especiaes e afim de pôr á prova e fortalecer a vontade dos cavalleiros.

Cada esquadrão forneceu duas patrulhas, compostas de um oficial ou primeiro sargento, dois sargentos, dois soldados de primeira e dois de segunda classe. O sargentos e soldados foram escolhidos dentre os que estavam resolvidos a se engajar.

Quanto aos cavallos, só foram designados os que tinham mais de nove annos. Eram todos de média corpulencia, bem proporcionados (batis) e deixando prever que resistiriam ao percurso de grande distancia.

A época da inspecção dos cavallos para recusas dos incapazes, estava proxima. Se tal não se desse, ter-se-ia fornecido aos cavalleiros animais mais velhos. Pelo mesmo motivo os cavalleiros viam-se forçados a cuidar, o mais possivel, de suas montadas.

O raid de longo percurso nada tem de commun com uma "corrida de velocidade". É preciso, no entanto, dar a esses raids um interesse especial e fiscalizar a ambição dos que nelles tomam parte. Por isso eu organizei o raid em questão como — *raid-concurso de longo percurso*.

Os commandantes das patrulhas eram os seguintes :

1º. esquadrão, tenentes de cavallaria Murakami e Yokota ;

2º. esquadrão, tenente de cavallaria Ohira e segundo tenente de cavallaria Kuwabara ;

3º. esquadrão, tenente de cavallaria Uwazuki e o primeiro sargento Hatakeyama.

O veterinaro Shimoda foi autorizado, a seu pedido, a participar do raid em companhia de um ferrador diplomado. Houve alem disso, dois candidatos a official que seguiram uma patrulha, sem todavia fazer parte d'ella.

O itinerario traçado partia da caserna de Takata, passava por Kashiwasaki, Shibata, Niigata, Tendomari, Noetsu e volta á caserna. A distancia a

(1) Este trabalho foi traduzido para o alemão pelo Tenente-coronel Theodore von Lerch, do corpo de estado-maior austro-ungaro, quando estagiário no 58º regimento de infantaria japonês e publicado no Kavalleristische Monatshefte de 4 de abril de 1913 e depois transcripto na Internationale Revue, donde o tiramos.

(2) Província do N. E. Japonez.

percorrer era de 400 kilometros approximadamente (99 *ri* e meia).

O itinerario escolhido não comprehendia, em geral, sinão regiões planas; tinha-se no entanto que transpor as paradas de Yoneyama e algumas linhas de alturas isoladas.

Na escolha de um itinerario como este, é preciso levar em conta os pontos seguintes:

Que não haja fôcos de epidemia ao longo do percurso.

Que o itinerario acompanhe o mais possivel as estradas de ferro e as linhas telephonicas a uma certa distancia. Desse modo fica-se em condições de poder enviar os officiaes incumbidos da fiscalisação do raid, e de fazer recolher os doentes, mantendo ao mesmo tempo as communicações entre os arbitros collocados nos diversos pontos do trajecto.

### Trenamento

O trenamento foi feito de 1<sup>o</sup> a 30 de Junho, ficando os homens das diversas patrulhas dispensados dos serviços ordinarios. Um certo numero de cavallos de reserva seguia tambem o trenamento. Em geral todos estão de acordo que é preciso um trenamento especial, para os raids de longo percurso; mas o que ainda não está completamente resolvido é o quanto deve durar esse trenamento.

Eis algumas observações que fiz, a respeito do peso dos cavalos (1): este peso diminuiu geralmente no decorrer das duas primeiras semanas, depois aumentou, a despeito do trenamento, durante o mesmo lapso de tempo, de sorte que no momento de se porem em marcha, todos os cavalos quasi tinham recuperado seu peso normal. Eu conclui d'ahi que, após um trenamento mais ou menos de quatro semanas, os cavalos retomam completamente suas formas e que decorrido um periodo semelhante pode emprehender-se um raid de longo percurso.

Mas, ao meu ver, quatro semanas constituem o tempo mínimo, que um trenamento deste genero requer.

Se, devido a razões de instrução (exercícios, etc.), se reduz o tempo consagrado ao trenamento, os cavalos vêm a soffrer muito e, em certos casos, suas forças podem-se esgotar.

No decorrer do periodo de trenamento, foi preciso fazer-se a substituição de um cavalo. Escolheu-se para substituir-o um cavalo particularmente forte e, no fim de alguns dias de trenamento, elle foi entregue a uma das patrulhas que tomara n parte no raid.

Este cavalo fez todo o percurso, mas chegou ao fim em condições muito inferiores aos outros e após ter perdido consideravelmente em seu peso.

No decorrer do periodo de preparação, o trajecto maximo percorrido pelas patrulhas foi de 80 kilometros. A perda de peso foi, em média, de tres Kwan (10, k 8250).

Durante o trenamento tornou-se preciso aumentar progressivamente a ração de forragem. Além disso, foi necessário habituar os cavalos a comer onde quer que fosse, tanto soltos como nas localidades, etc.

De um modo geral, o trenamento deve começar por um trabalho médio; no meio do periodo força-se um pouco e, no fim, diminuem-se de novo os esforços exigidos.

Sómente por meio da instrução não se consegue levar o cavalleiro a dar o maximo de que é capaz; o soldado é que deve, por si mesmo, ter o amôr proprio de produzir tudo quanto pôde.

(1) O cavalo de cavalaria no Japão pesa em média 100 Kwan. Dentro os cavalos que tomaram parte no raid, o mais leve pesava 87 Kwan, e o mais pesado 123 Kwan. O Kwan é igual a 3,kg 760.

Se um homem se acha impossibilitado, durante pouco tempo, de seguir o trenamento, é preciso que imediatamente um outro homem, da reserva, tome seu lugar e assuma a inteira responsabilidade do treinamento.

A experiecia tem provado que para um raid não é indispensavel trenar especialmente um cavalleiro de boa saúde e de boa constituição, ou um cavalleiro ras-mesmas condições. Tambem não é menos verdade que os musculos das pernas se fortificam consideravelmente durante o trenamento. No começo deste, é preciso ajustar a sella com um cuidado todo especial.

É preciso não mudar-a, nem mesmo quando, por esta ou aquella razão, o cavalleiro tem que ser substituído.

Os cavalos que transpiram muito ou que respiram fortemente, nem sempre são animaes fracos.

Deve-se dispensar muito cuidado com as ferraduras. Antes de emprehender um raid de longo percurso, é preciso ferrar os animaes com ferraduras do melhor metal.

Eu sou de opinião que é preciso  $\frac{1}{3}$  de cavalos de reserva, que devem ser submettidos ao trenamento ao mesmo tempo que os outros.

*Leitão*

(Continua).

## LIVROS NOVOS

Solution des questions de tactique et de fortification appliquée. Boucabeille. — Chapelot frs 3,50.

Troisième serie de travaux tactiques. — Ch. frs. 4.

Etude sur l'emploi tactique du fusil et de la mitrailleuse. Bernard. — Ch. frs. 1,50.

Une methode d'instruction pour la cavallerie. La gymnastique du groupe. — Ch. 1,25.

Les probabilités d'une guerre franco-allemande. Palat. frs. 0,60.

Paroles de vaincu — Izet-Fuad Pacha. Ch. 7,50.

Notes sur le canon de 75 et son reglement. (Matériel manœuvre, tir) Cap. Morlière. Berger Levraut frs. 2.

Etudes de strategie et de tactique generale. General de Castelli. B-L. frs. 3

## EXPEDIENTE

**NOTA IMPORTANTE** Já importa em cerca de 600\$000 Rs. só n'esta Capital o atrazo no pagamento de assignaturas.

Attribuimos isso ao esquecimento ou descuido de alguns camaradas por se tratar do desembolso de insignificante quantia.

Vivendo nossa revista *au jour le jour*, sem intuito commercial, sentimo-nos muito à vontade para pedir a esses nossos assignantes e associados algum esforço de memoria ou algum passo que, facilitando a tarefa de nossos dedicados representantes e a nossa, torne realmente efficaz o seu nobre apoio ao nosso emprehendimento.

\*

*Klinger*

Com este numero distribuimos o primeiro fasciculo da traducção brazileira do *Griepeukerl*.

\*

Dirigir toda a correspondencia para "A DEFEZA NACIONAL" Caixa postal 1602, Rio. Vales postaes — ao portador